



Universidade Federal do Tocantins
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde
Curso de Mestrado em Ensino de Ciências e Saúde

João Pedro Sousa Lima

**SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA PREVENÇÃO DE
COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL**

Palmas/TO
2025

João Pedro Sousa Lima

**SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA PREVENÇÃO DE
COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde, da Universidade Federal do Tocantins, Campus Palmas, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino em Ciências e Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Leidiene Ferreira Santos

Palmas/TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725s Sousa Lima, João Pedro.
 SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA
 PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA
 INFANTOJUVENIL. / João Pedro Sousa Lima. – Palmas, TO, 2025.
 66 f.

 Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do
 Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-
 Graduação (Mestrado) em Ensino em Ciências e Saúde, 2025.
 Orientadora : Leidiene Ferreira Santos

 1. Professores. 2. Prevenção do Suicídio. 3. Violência
 Infantojuvenil. 4. Saúde Mental. I. Título

CDD 372.35

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

João Pedro Sousa Lima

**SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA PREVENÇÃO DE
COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde, da Universidade Federal do Tocantins, Campus Palmas, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino em Ciências e Saúde, orientada pela Profa. Dra. Leidiene Ferreira Santos, apresentada e aprovada em 01/07/2025.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Leidiene Ferreira Santos

Universidade Federal do Tocantins
Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento

Universidade Federal do Tocantins
Examinador Interno

Prof. Dr. Márcio Silva da Conceição

Universidade do Estado do Pará
Examinador Externo

Palmas/TO
2025

Dedico este trabalho, com profundo carinho e respeito, a todas as crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, especialmente àqueles que enfrentam desafios relacionados ao comportamento suicida e à violência.

Às escolas e aos educadores que atuam como faróis de esperança, criando ambientes seguros e acolhedores, onde a prevenção e o cuidado se tornam práticas transformadoras.

Este estudo é também dedicado aos professores, verdadeiros agentes de mudança, cuja sabedoria e dedicação são fundamentais na construção de um futuro em que cada criança e jovem se sinta valorizado e amparado.

Por fim, estendo esta dedicatória aos gestores e técnicos da educação que trabalham incansavelmente para implementar políticas e estratégias capazes de transformar vidas, criando caminhos de acolhimento e proteção para cada criança e jovem. Este trabalho é uma homenagem ao esforço coletivo de todos que acreditam na força da educação como ferramenta de *transformação e prevenção*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me sustentar nos momentos mais difíceis e me conceder força e coragem para não desistir, mesmo diante dos inúmeros desafios ao longo desta caminhada.

Com gratidão profunda, agradeço aos meus pais, Maria da Luz Sousa Lima e Antonio Carlos Silva Lima, que, mesmo à distância, estiveram presentes com palavras de incentivo e apoio incondicional, sempre acreditando em mim e me fortalecendo para seguir em frente.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, em especial nos trajetos de ida e volta para Palmas, oferecendo apoio, escuta e acolhimento — Dra. Carla, Iramar, Zilma, Silvia e Luciana —, o carinho e a companhia de vocês foram essenciais.

Agradeço, com amor e admiração, ao meu companheiro e esposo, Luiz Felipe Soares de Oliveira, por dividir comigo cada renúncia, cada dificuldade e cada conquista. Obrigada por renunciar a tantas coisas para que este sonho se tornasse possível. Esta vitória também é sua. Obrigada por tornar essa caminhada mais leve e possível.

Às minhas irmãs, Bellysa Carla Sousa Lima e Beatriz da Luz Sousa Lima, pelo carinho, apoio e presença constante, mesmo quando o tempo e a distância dificultavam o convívio.

Aos colegas de mestrado — Cleber, Diego, Kátia, Marilene, Dilce e Márcia — pela troca de experiências, pelos aprendizados e pela amizade construída durante essa jornada.

E, com especial gratidão, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Leidiene Ferreira Santos, pelos ensinamentos, pela escuta sensível e pelas contribuições fundamentais para a realização deste trabalho. Sua orientação foi luz em muitos momentos de incerteza.

A todos e todas que, de alguma forma, tocaram minha caminhada, meu mais profundo agradecimento. Esta dissertação não é apenas um produto acadêmico; é também um testemunho de vínculos, de afetos e de um percurso feito com o coração.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como professores da rede pública de ensino percebem, enfrentam e atuam diante da violência autodirigida e de outras formas de violência envolvendo crianças e adolescentes no contexto escolar. A pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, utilizando grupos focais como principal técnica de coleta de dados, com a participação de professores de escolas públicas do município de Parauapebas, no estado do Pará, Brasil, totalizando 33 participantes. Os resultados revelam que os docentes reconhecem a escola como um espaço de proteção, mas enfrentam dificuldades para lidar com situações de sofrimento psíquico e comportamentos violentos entre estudantes. A ausência de formações específicas sobre saúde mental e prevenção da violência, somada à sobrecarga de trabalho e à fragilidade das redes de apoio, limita a atuação dos professores. Entre os fatores apontados como desencadeadores da violência estão as dinâmicas familiares disfuncionais, a negligência, o uso indiscriminado de tecnologias e redes sociais, bem como a carência de políticas públicas intersetoriais. Os participantes destacaram a importância da formação continuada, do acolhimento, da escuta ativa e do trabalho em rede com os setores da saúde e da assistência social para o enfrentamento da violência no ambiente escolar. A pesquisa reforça a necessidade de incluir a saúde mental e a prevenção da violência como temas centrais na formação docente e na construção de práticas pedagógicas integradas ao cuidado e à promoção da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Professores. Prevenção do Suicídio. Violência Infantojuvenil. Saúde Mental.

ABSTRACT

This research aims to understand how public-school teachers perceive, face, and act upon self-directed violence and other forms of violence involving children and adolescents within the school context. The research followed a qualitative approach with ethnographic inspiration, using focus groups as the main data collection technique, involving teachers from public schools in the municipality of Parauapebas, Pará, Brazil, totaling 33 participants. The results reveal that teachers recognize the school as a protective space but face significant challenges in dealing with situations of psychological suffering and violent behaviors among students. The lack of specific training on mental health and violence prevention, combined with work overload and weak support networks, limits the teachers' ability to respond effectively. The factors identified as contributing to violent behavior include dysfunctional family dynamics, neglect, unregulated use of technology and social media, and the lack of intersectoral public policies. Participants highlighted the importance of ongoing professional development, welcoming practices, active listening, and collaborative work with health and social services to address violence in schools. The study reinforces the need to incorporate mental health and violence prevention as central themes in teacher education and in the development of pedagogical practices integrated with care and life promotion.

Keywords: Teachers. Suicide Prevention. Child and Adolescent Violence. Mental Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Categorias Temáticas emergidas a partir dos registros de falas realizadas em Grupo Focal.....	30
Figura 2 - Nuvem de palavras a partir dos registros de falas realizadas em Grupo Focal	31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estrutura e Procedimentos do Grupo Focal	26
Quadro 2 - Riscos e Estratégias de Prevenção da Pesquisa	28
Quadro 3 - Concepções de Violência a partir dos Participantes do Grupo Focal.....	32
Quadro 4 - Concepções de Violência Autodirigida a partir dos Participantes do Grupo Focal	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COREQ	<i>Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research</i>
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GF	Grupo Focal
MS	Ministério da Saúde
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
ONG's	Organizações não Governamentais
ONDH	Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos
TAGV	Termo de Autorização de Gravação de Voz
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa nasce não apenas de uma inquietação acadêmica, mas também de uma trajetória de vida profundamente marcada pelo sofrimento psíquico na infância. Fui uma dessas crianças que enfrentaram o preconceito, a rejeição e a difícil tarefa de aceitar a si mesma. Em diversos momentos, pensei em desistir da vida. No meio dessa dor silenciosa, senti a falta de alguém que me ouvisse, compreendesse e acolhesse o que eu estava sentindo.

Anos mais tarde, ao ingressar na graduação em Psicologia, meu interesse pela compreensão do sofrimento humano apenas se intensificou. Busquei caminhos para compreender mais profundamente minhas próprias vivências e transformar a dor em ação. Especializei-me em Suicidologia, tornando-me suicidologista, e dediquei minha formação ao estudo do comportamento suicida, da violência e da tanatologia. Tornei-me um pesquisador comprometido com a escuta, com a valorização da vida e com a construção de práticas mais sensíveis e humanizadas.

Enquanto psicólogo atuante no serviço público, iniciei minha trajetória profissional na assistência social, por meio do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), sendo posteriormente transferido para o setor psicossocial do Hospital Geral de Parauapebas. Nessas experiências, vivenciei de perto situações marcadas por sofrimento psíquico, automutilações e tentativas de suicídio entre crianças e adolescentes. Atendimentos permeados por dor, silêncio e ausência de escuta despertaram em mim profundas inquietações acerca do papel da escola na prevenção da violência autodirigida e na promoção de uma cultura de cuidado e acolhimento.

Ao longo dos atendimentos e das interações com estudantes, familiares e, sobretudo, com professores, percebi que muitos profissionais da educação se sentem despreparados para lidar com situações envolvendo o sofrimento psíquico de crianças e adolescentes. Essa constatação reforçou em mim o desejo de compreender os saberes e as práticas desses docentes diante de um fenômeno tão complexo quanto urgente.

Ao escolher investigar os saberes e as práticas de professores da rede pública de ensino de Parauapebas-PA sobre a prevenção do comportamento suicida e da violência infantojuvenil, meu objetivo foi também amparar crianças e adolescentes que, assim como eu um dia fui, enfrentam dores invisíveis e, muitas vezes, não encontram espaços de escuta. Desejei, igualmente, contribuir com os educadores que, mesmo diante das adversidades, se dedicam a acolher e apoiar esses sujeitos em sofrimento.

As duas escolas participantes da pesquisa foram escolhidas por estarem situadas no território em que eu atuava como psicólogo no serviço público, inicialmente em uma Unidade

Básica de Saúde (UBS). Ao longo do mestrado, fui transferido para o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), mas permaneci vinculado ao mesmo território, mantendo o contato com essas instituições escolares e com a comunidade local.

Assim, esta dissertação é fruto de um compromisso ético, político e humano com a escuta, com o cuidado integral e com a valorização da vida de crianças e adolescentes. É também uma tentativa de devolver à infância aquilo que, por muito tempo, me foi negado: um lugar de escuta, acolhimento e dignidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) E AS FORMAS DE VIOLÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA.....	17
2.2 VIOLÊNCIA AUTODIRIGIDA: DELIMITAÇÕES E ESPECIFICIDADES	20
2.3 O SUICÍDIO COMO FENÔMENO COMPLEXO: ALÉM DA VIOLÊNCIA AUTODIRIGIDA	21
2.4 A ESCOLA E OS PROFESSORES DIANTE DA VIOLÊNCIA AUTODIRIGIDA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	22
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	24
3.1 TIPO DE ESTUDO	24
3.1 LOCAIS E SUJEITOS DA PESQUISA	25
3.2 APROXIMAÇÃO DO PESQUISADOR AOS SUJEITOS E AO CAMPO.....	25
3.3 COLETA DE DADOS	26
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	27
3.4.1 Critérios de Inclusão e Exclusão.....	27
3.4.2 Aspectos Éticos	28
3.4.3 Riscos e Medidas de Prevenção	28
3.4.4 Benefícios da Pesquisa	29
4 ANÁLISE DOS DADOS/RESULTADOS	30
4.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA	32
4.2 SOBRE“VIVER” À VIOLÊNCIA NA ESCOLA	34
4.3 A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA	37
4.4 QUANDO É POSSÍVEL PERCEBER SINAIS DA VIOLÊNCIA	38
4.5 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O COMPORTAMENTO DE VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES	40
4.6 COMO PREPARAR A ESCOLA PARA ATUAR NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA	42
5 CONSIDERAÇÕES.....	46
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE A - CARTA CONVITE	56
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	57
APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ.....	60
APÊNDICE D - QUESTÕES DISPARADORAS PARA GRUPO FOCAL	61
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE	62

ANEXO B – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	63
ANEXO C – CARTILHA INFORMATIVA.....	66

1 INTRODUÇÃO

No Brasil e no cenário global contemporâneo, nos últimos anos, observa-se o aumento significativo de casos de violência infantojuvenil e, sobretudo, de morbimortalidade entre adolescentes acometidos por transtornos mentais, cujo desfecho muitas vezes é o ato suicida. Essa realidade tem despertado grande preocupação no âmbito da saúde pública, especialmente quando esses eventos ocorrem no ambiente escolar.

Tais fenômenos, por vezes, permanecem invisibilizados nesses espaços, suscitando uma série de questionamentos acerca do papel dos professores nesse contexto, dado que são considerados agentes fundamentais para a prevenção desses comportamentos entre jovens e adolescentes, particularmente no ambiente escolar (Silva Filho; Minayo, 2021).

Sendo assim, é importante compreender as principais características da violência infantojuvenil e do comportamento suicida na realidade brasileira atual. Ao analisar os dados dos boletins da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde (MS) sobre o comportamento suicida, no âmbito mundial e nacional, observa-se que o suicídio no Brasil apresenta um aumento constante desde 1996, com taxas crescentes a cada ano, especialmente nas regiões Sul e Sudeste do país.

Ademais, o Brasil ocupa a 8ª posição no ranking mundial de mortes por suicídio, configurando-se, portanto, como um grave problema, sobretudo entre jovens e adolescentes (Marcolan; Da Silva, 2019).

Por outro lado, ao se tratar da violência infantojuvenil, cabe destacar que se trata de um fenômeno complexo, que prejudica profundamente o desenvolvimento físico, emocional e social dos sujeitos envolvidos, sejam eles crianças ou adolescentes, acarretando consequências para toda a sua vida. Outrossim, é importante ressaltar que esse tipo de violência se manifesta de diversas formas, incluindo agressões físicas, psicológicas, abusos sexuais e negligência, podendo ocorrer em diferentes contextos, tais como o ambiente familiar, escolar ou comunitário.

Assim, adolescentes vítimas dessas agressões enfrentam uma série de repercussões: além dos danos físicos, destacam-se os problemas emocionais, como ansiedade, depressão e distúrbios comportamentais, que afetam negativamente as interações sociais e o desempenho escolar (Souza *et al.*, 2025).

Quando se trata dos principais fatores de risco para os comportamentos suicidas entre crianças e adolescentes, Bhering *et al.* (2020) destacam, em seu estudo, os transtornos mentais, a automutilação, o bullying, as disfunções familiares, os fatores genéticos e o abuso de álcool e drogas. Os autores reforçam, ainda, a importância de estratégias para a identificação precoce, especialmente em ambientes como as escolas, para a prevenção do suicídio, tendo o professor como um dos principais atores nesse processo.

Cabe ressaltar, também, que a adolescência é uma fase da vida situada entre a infância e a idade adulta, caracterizada por um processo complexo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), essa etapa abrange indivíduos de 12 a 18 anos, enquanto a Organização Mundial da Saúde define a adolescência como o período dos 10 aos 19 anos.

Assim, esse momento da vida é marcado por intensas mudanças no comportamento, nas relações interpessoais e nos valores, com diversas transformações que frequentemente levam os adolescentes a serem vistos pelos adultos como um grupo “estranho” ou “incompreendido”. Nesse contexto, as mudanças comportamentais desses adolescentes passam despercebidas tanto pelos familiares quanto pelos profissionais de saúde e educadores. Daí a importância de capacitar esses profissionais para a prevenção de comportamentos “estranhos” e da violência nesse grupo específico (Avanci *et al.*, 2023).

Destaca-se, ainda, que a violência infantojuvenil e os comportamentos suicidas, por serem questões de grande relevância no ambiente escolar, dada sua influência negativa no desenvolvimento biopsicossocial dos estudantes, tornam-se, por vezes, invisíveis no cotidiano das escolas. Dessa forma, faz-se necessária uma abordagem sensível e eficaz para garantir a segurança e o bem-estar dos alunos.

Nesse sentido, o papel dos professores transcende a mera mediação do conhecimento, configurando-se também como agentes de prevenção e intervenção em situações de risco envolvendo esses adolescentes (Maciel; Teixeira, 2023).

Os autores supracitados ressaltam, em suas pesquisas, que os professores possuem uma visão superficial acerca do suicídio e enfrentam dificuldades para manejar comportamentos suicidas entre os alunos, além de, por vezes, sentirem-se inseguros para tomar qualquer iniciativa sobre o tema. Destacam, portanto, a necessidade de que a escola se constitua em um espaço de diálogo e capacitação

para os professores no que tange ao comportamento suicida e à violência infantojuvenil.

Apesar da existência de políticas públicas direcionadas à prevenção da violência e do suicídio infantojuvenil, tem-se observado, nos últimos anos, escassa divulgação ou conhecimento acerca das práticas de prevenção adotadas pelos professores, que são os profissionais mais próximos dos adolescentes no ambiente escolar.

Dessa forma, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender as percepções e os saberes desses profissionais, bem como as dificuldades e estratégias empregadas para lidar com situações de violência e risco de suicídio, com o objetivo de contribuir para a formulação de políticas públicas e práticas pedagógicas mais eficazes.

Conforme a problemática apresentada, este estudo tem como principais questões norteadoras: Como os professores percebem a violência infantojuvenil e o comportamento suicida no ambiente escolar? Quais estratégias de prevenção ao comportamento suicida e à violência infantojuvenil são adotadas pelos professores em sala de aula?

O presente estudo tem como objetivo central analisar a percepção dos professores acerca da prevenção do comportamento suicida e da violência infantojuvenil no contexto escolar, considerando a complexidade intrínseca a esses fenômenos e suas repercussões no desenvolvimento biopsicossocial dos adolescentes.

A análise das percepções dos professores foi realizada a partir de dados coletados via técnica de Grupo Focal, com 33 participantes, os quais foram organizados em categorias emergentes, a saber: (1) Conceituando a violência; (2) Sobre“viver” à violência na escola; (3) A violência nossa de cada dia; (4) Quando é possível perceber os sinais de violência; e (5) Como preparar a escola para atuar no enfrentamento da violência.

Dessa forma, a presente pesquisa objetiva aprofundar a compreensão das percepções dos professores, identificando lacunas na formação e nas práticas pedagógicas vigentes, com vistas a contribuir para o aprimoramento das políticas públicas de prevenção e mitigação dos riscos associados a esses fenômenos no ambiente escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Referencial Teórico desta pesquisa está estruturado em quatro eixos principais, que buscam contextualizar e aprofundar a compreensão sobre o fenômeno da violência autodirigida na infância e adolescência, com ênfase no papel da escola e dos professores. Inicialmente, aborda o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e as formas de violência que afetam adolescentes, situando a proteção integral como princípio orientador. Em seguida, trata da violência autodirigida, discutindo suas delimitações conceituais e especificidades no contexto infantojuvenil. Posteriormente, o suicídio é analisado como um fenômeno complexo, indo além da categoria da violência autodirigida, a fim de explorar suas múltiplas determinações sociais, emocionais e institucionais. Por fim, discute o lugar da escola e dos professores diante da violência autodirigida, analisando seus desafios, limitações e possibilidades no enfrentamento dessa realidade.

2.1 ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA) E AS FORMAS DE VIOLÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são garantidos às crianças e adolescentes brasileiros os direitos à vida, à saúde e à proteção contra qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão. O artigo 5º do ECA estabelece que:

Nenhuma criança ou adolescente será alvo de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão de qualquer tipo” (Brasil, 1990).

Apesar dessa garantia legal, os dados oficiais mais recentes revelam uma realidade alarmante. Em 2023, foram registradas mais de 430 mil denúncias de violações de direitos humanos por meio da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH), das quais 228 mil (53,14%) referiam-se à violência contra crianças e adolescentes (Brasil, 2024).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, anualmente, cerca de 875 mil adolescentes morrem por causas externas, muitas das quais relacionadas à violência. Como destacam Malta *et al.* (2017), essas vivências podem ocasionar

impactos significativos na saúde mental e física dos jovens, comprometendo diretamente sua qualidade de vida.

Embora haja avanços na produção de conhecimento sobre o fenômeno da violência, sua definição ainda é considerada complexa, por tratar-se de uma construção social influenciada por fatores culturais, históricos, econômicos e subjetivos. Nesse sentido, Assis e Marriel (2020, p. 75) destacam que:

A violência não é um fenômeno natural, mas socialmente construído, sendo influenciado por contextos históricos e relações de poder.

De acordo com Dahlberg e Krug (2002), a violência deve ser compreendida de maneira ampla, abarcando não apenas as consequências físicas, mas também os impactos psicológicos, sociais e econômicos. Para os autores:

A violência é o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem grande probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação (p. 5).

Hohendorff, Koller e Habigzang (2019) alertam para os efeitos de longo prazo provocados pelas violências psicológicas e simbólicas, que, embora menos visíveis, também acarretam graves consequências. Segundo os autores:

As marcas da violência não se restringem a cicatrizes físicas; muitas vezes, a dor psíquica ultrapassa a dimensão do corpo e se instala silenciosamente na vida do sujeito (p. 43).

Ribas e Carvalho (2016) ressaltam que refletir sobre a violência exige um olhar introspectivo, voltado para os próprios valores e condutas. Conforme afirmam:

A análise do fenômeno da violência nos convoca a interrogar nossos próprios valores, crenças e comportamentos (p. 18).

Entre os diversos tipos de violência, destaca-se a violência sexual, que pode ocorrer em todas as fases da vida. Segundo Carvalho, Assis e Pires (2017):

A adolescência constitui um período crítico de vulnerabilidade, sobretudo entre meninas, que frequentemente são vítimas de abusos naturalizados em relações afetivo-sexuais (p. 99).

Dentre as múltiplas formas de violência, destaca-se a violência autodirigida, que abrange comportamentos como automutilações, tentativas de suicídio e o suicídio propriamente dito (OMS, 2014). Coelho, Silva e Lindner (2014) classificam a violência

em três eixos: interpessoal, coletiva e autodirigida, sendo esta última caracterizada por atos em que “o agente e o alvo são o próprio indivíduo, gerando autolesões com ou sem intenção de morte” (p. 27).

A Organização Mundial da Saúde (2021) define o suicídio como “a ação deliberada de tirar a própria vida”. Já Durkheim (2000, p. 171), em sua análise clássica, conceitua o suicídio como “toda morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima, e que sabia que produziria esse resultado”.

Os dados brasileiros evidenciam um crescimento preocupante do fenômeno do suicídio. Em 2022, foram registrados 16.262 casos no país — uma média de 44 ocorrências por dia —, superando os 14.475 casos contabilizados em 2021 (Brasil, 2022). Em termos proporcionais, a taxa passou de 7,2 para 8 suicídios por 100 mil habitantes.

O comportamento suicida é comumente descrito como um contínuo que se estende desde a ideação até o ato consumado. De acordo com Wenzel, Brown e Beck (2009, p. 75), “ideação suicida refere-se aos pensamentos e cognições do indivíduo voltadas para o desejo de morrer, podendo envolver planejamento ou não”. Meleiro e Bahls (2004) acrescentam que o planejamento envolve a definição de detalhes como o método, o local e, por vezes, a redação de mensagens de despedida.

A tentativa de suicídio caracteriza-se por comportamentos autoagressivos de natureza não letal, embora possam resultar em sequelas físicas e psíquicas significativas. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2014), os principais fatores de risco incluem transtornos mentais, histórico de abuso, ausência de suporte social, uso de substâncias psicoativas e tentativas anteriores.

Para Binswanger (1958), é inadequado atribuir o suicídio a um único fator desencadeador, como uma perda amorosa ou a situação de desemprego. O autor propõe que “é preciso compreender como certas circunstâncias adquirem significados específicos para cada sujeito, e como isso desencadeia uma rede complexa de fatores conscientes e inconscientes” (p. 80).

Kovács (1992) também enfatiza a complexidade do suicídio ao afirmar que “os motivos alegados são apenas fatores desencadeantes de um processo que, muitas vezes, tem início ainda na infância” (p. 173). A autora acrescenta que a intencionalidade é um elemento essencial, embora de difícil mensuração, uma vez que envolve a capacidade de lucidez no momento do ato.

Pesquisas contemporâneas também desconstróem o mito de que indivíduos que verbalizam pensamentos suicidas não os concretizam. Pelo contrário, “a maioria dos indivíduos que morrem por suicídio expressaram verbal ou comportamentalmente seu sofrimento em algum momento” (Netto; Werlang; Rigo, 2013, p. 27).

Nesse contexto, ressalta-se a relevância da escola como um espaço de escuta, acolhimento e cuidado. Ainda que nem sempre esteja devidamente preparada, a instituição escolar pode constituir-se como uma instância protetiva essencial para crianças e adolescentes em sofrimento psíquico. É nesse ambiente que professores, gestores e demais profissionais têm a oportunidade de reconhecer sinais, realizar encaminhamentos adequados e, sobretudo, estabelecer vínculos que podem interromper trajetórias marcadas por dor e vulnerabilidade.

2.2 VIOLÊNCIA AUTODIRIGIDA: DELIMITAÇÕES E ESPECIFICIDADES

Entre as múltiplas expressões da violência, destaca-se a violência autodirigida, conceituada pela Organização Mundial da Saúde (2014) como aquela em que o agente e a vítima são a mesma pessoa. Essa modalidade abarca comportamentos como a automutilação, a ideação suicida, as tentativas de suicídio e o suicídio consumado, configurando-se como uma forma de violência cujas motivações, manifestações e consequências desafiam os modelos tradicionais explicativos.

A violência autodirigida, pela sua natureza, confronta os limites da compreensão social acerca do sofrimento psíquico e da dor emocional. Nunes e Sales (2021) ressaltam que a intencionalidade do ato não deve ser interpretada de modo simplista, uma vez que, em determinadas situações, o uso da força contra si não tem necessariamente o propósito de causar a morte, mas sim de expressar angústias, buscar alívio ou comunicar uma mensagem ao outro. Tal fenômeno é evidente em muitas automutilações entre adolescentes, que não objetivam o suicídio, mas constituem estratégias para lidar com emoções intensas ou experiências de abandono, violência e negligência.

A infância e, sobretudo, a adolescência são etapas caracterizadas por intensos processos de transformação biopsicossocial, configurando-se também como períodos de maior vulnerabilidade à violência autodirigida. De acordo com Carvalho, Assis e Pires (2017), a banalização da dor psíquica e a naturalização de práticas abusivas

nas relações interpessoais entre jovens colaboram para o aumento de comportamentos autodestrutivos. Nas escolas públicas brasileiras, tais manifestações do sofrimento frequentemente emergem sem que haja mecanismos eficazes de escuta, acolhimento e cuidado.

2.3 O SUICÍDIO COMO FENÔMENO COMPLEXO: ALÉM DA VIOLÊNCIA AUTODIRIGIDA

Embora frequentemente associado à violência autodirigida, o suicídio configura um fenômeno multifatorial e de elevada complexidade, que demanda uma abordagem específica e aprofundada. Conforme proposto por Durkheim (2000), o suicídio deve ser compreendido a partir das interações entre o indivíduo e a sociedade, sendo influenciado por diversos elementos que abrangem vínculos afetivos, redes de apoio, bem como aspectos culturais e morais.

A definição clássica da Organização Mundial da Saúde (2021) caracteriza o suicídio como um ato intencional de tirar a própria vida. Entretanto, como salientam Binswanger (1958) e Cassorla (1991), é imprescindível ultrapassar a mera descrição técnica para apreender as dimensões existenciais e simbólicas inerentes ao ato. Nem sempre o suicídio decorre de um evento desencadeador específico; frequentemente, trata-se do resultado de um processo subjetivo profundo, que se desenvolve ao longo do tempo e é influenciado por múltiplos fatores, conscientes ou inconscientes.

Kovács (1992) destaca que o suicídio deve ser interpretado como um processo complexo, e não como um evento isolado. A ideação, os desejos, as ameaças, as tentativas e o ato consumado constituem diferentes etapas de um contínuo, no qual a intencionalidade e a letalidade devem ser consideradas. Dessa forma, compreender o suicídio apenas como uma forma de violência autodirigida pode implicar na redução da complexidade do fenômeno, desconsiderando seus aspectos simbólicos, relacionais e contextuais.

No caso específico de crianças e adolescentes, essa complexidade se acentua, uma vez que o suicídio infantojuvenil está frequentemente associado à ausência de suporte emocional adequado, à exposição prolongada a contextos de violência — sejam eles familiares, institucionais ou sociais — e à dificuldade na expressão e nomeação do sofrimento psíquico. Nesse cenário, a escola emerge como um espaço

privilegiado — e muitas vezes isolado — para a percepção, contenção e cuidado desses sujeitos em sofrimento (Maciel; Teixeira, 2023).

2.4 A ESCOLA E OS PROFESSORES DIANTE DA VIOLÊNCIA AUTODIRIGIDA EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A violência autodirigida configura-se como um problema de grande relevância entre adolescentes, tanto no contexto mundial quanto no brasileiro. Nas escolas públicas do Brasil, observa-se um aumento significativo dos comportamentos autolesivos, crises emocionais e episódios de ideação ou tentativa de suicídio entre os estudantes nos últimos anos, o que tem gerado inquietações nos professores e provocando sentimentos de impotência entre esses profissionais da educação (Da Silva; Pegoraro, 2023).

É importante destacar que, embora a escola seja primariamente um ambiente educativo, ela também se configura como um território privilegiado para a observação e a construção de vínculos com os alunos, representando, assim, um espaço potencial para intervenções de saúde voltadas especialmente à prevenção. Como instituição social, a escola compartilha com a família e com o sistema de saúde a responsabilidade pela proteção integral da criança e do adolescente. No entanto, os professores frequentemente não dispõem de formação específica ou de educação continuada que os habilite a lidar adequadamente com situações que envolvam sofrimento emocional intenso, particularmente aquelas manifestadas como violência contra si (Xavier, 2024).

Nesse contexto, torna-se fundamental compreender os saberes e as práticas dos professores diante da violência autodirigida, visando ao desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e cuidado. Trata-se de investigar de que forma os professores reconhecem, interpretam e respondem aos sinais emitidos pelos estudantes, bem como identificar os desafios enfrentados no manejo dessas situações (Batista; Calheiros, 2020).

A opção por uma abordagem qualitativa e etnográfica para esta investigação permite captar, com maior profundidade, as experiências e percepções dos professores no cotidiano escolar. Conforme evidenciam os estudos de Xavier (2024), a colaboração entre os serviços de saúde e as escolas pode ser essencial para

compreender o papel da instituição na vida dos estudantes e para buscar soluções diante dos desafios relacionados à saúde mental infantojuvenil. Alunos que apresentam resistência ao funcionamento convencional da escola demandam um esforço articulado entre a instituição escolar, os serviços de saúde e a rede de apoio intersetorial, com o objetivo de garantir seus direitos. Tal resistência está frequentemente associada ao sofrimento vivido por essas crianças e adolescentes.

Assim, este estudo parte do reconhecimento de que os fenômenos do suicídio e das automutilações em crianças e adolescentes não podem ser plena e unicamente compreendidos a partir de indicadores quantitativos ou modelos biomédicos isolados. Faz-se necessário escutar o “chão da escola”, valorizar os saberes dos educadores, atentar para os silêncios e gestos cotidianos, para, então, ter elementos que contribuam com estratégias de cuidado sensíveis às realidades vivenciadas pelos sujeitos envolvidos.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente seção descreve os caminhos metodológicos percorridos na realização da pesquisa, desde a definição do tipo de estudo até os procedimentos de coleta e análise dos dados. Para tanto, o estudo é caracterizado quanto à sua natureza e abordagem, evidenciando o alinhamento entre os objetivos da pesquisa e a escolha metodológica adotada. São apresentados os locais e os sujeitos da pesquisa, com a descrição do contexto institucional e do perfil dos participantes. Aborda-se a aproximação do pesquisador aos sujeitos e ao campo, destacando os vínculos estabelecidos, a ética da escuta e o posicionamento do pesquisador no processo investigativo. Em seguida, trata-se dos procedimentos de coleta de dados e do método utilizado, detalhando os instrumentos, as etapas e os critérios adotados. Por fim, são descritas as estratégias de análise dos dados, fundamentadas em referenciais teóricos que possibilitaram a interpretação crítica dos resultados obtidos.

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, realizada com professores da rede pública de ensino em tempo integral do município de Parauapebas, estado do Pará.

A investigação fundamentou-se no princípio da intersubjetividade entre pesquisador e sujeitos, conforme proposto por Costa (2002), que valoriza a simetria nas relações e a “fusão de horizontes”, possibilitando a construção compartilhada de sentidos no campo investigativo. A escolha da etnografia justifica-se por permitir uma observação detalhada das práticas docentes e sua inserção no cotidiano escolar, estabelecendo uma tensão produtiva entre a análise científica e a experiência vivida pelos participantes (Mattos; Castro, 2011).

A condução da pesquisa observou rigorosamente as diretrizes do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ)*¹.

¹ TONG, Alison; SAINSBURY, Peter; CRAIG, Jonathan. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus group. **International Journal for Quality in Health Care**, Oxford, v. 19, n. 6, p. 349–357, 2007.

3.1 LOCAIS E SUJEITOS DA PESQUISA

Participaram da pesquisa professores atuantes em duas escolas de tempo integral da rede pública municipal de Parauapebas: Escola Municipal Paulo Fontelles de Lima e Escola Municipal João Prudêncio de Brito. Essas instituições ofertam o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) em regime de tempo integral, atendendo a mais de 650 estudantes. O corpo docente é composto por 33 professores e 2 psicopedagogos.

Para preservar o anonimato dos participantes e garantir o sigilo das narrativas, utilizou-se uma codificação específica para identificar os depoimentos. Assim, os Grupos Focais (GF) foram denominados genericamente como “Grupo 1” e “Grupo 2”, representados pelas abreviações “G1” e “G2”, respectivamente. Cada professor foi identificado pela letra “P”, seguida de um número arábico correspondente à ordem cronológica das falas dentro de cada GF.

3.2 APROXIMAÇÃO DO PESQUISADOR AOS SUJEITOS E AO CAMPO

A aproximação do pesquisador com o cenário da investigação e os sujeitos envolvidos foi realizada por meio de visitas semanais às escolas durante os meses de agosto e setembro de 2024, sempre às quartas e quintas-feiras no período da tarde. Cada visita teve duração média de uma hora e contou com o acompanhamento do coordenador pedagógico de cada instituição. Durante essas ocasiões, o pesquisador desenvolveu observações participantes e manteve conversas informais com os professores interessados, objetivando estabelecer vínculos e promover um ambiente de confiança.

Adicionalmente, no mês de outubro de 2024, foram realizados dois encontros presenciais, em sábados letivos, com duração de duas horas cada, reunindo docentes das duas escolas participantes. As temáticas abordadas incluíram saúde mental, relações interpessoais, estratégias para redução do estresse, fatores facilitadores e dificultadores do trabalho, burnout e trabalho em equipe. Os encontros ocorreram na forma de roda de conversa, propiciando a troca de experiências e a construção coletiva de significados, conforme a abordagem proposta por Farinha *et al.* (2019).

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de dois encontros de Grupo Focal, realizados em fevereiro de 2025, durante a semana pedagógica, nas dependências de uma das escolas participantes. Cada encontro teve duração de três horas e seguiu um roteiro previamente estabelecido ([Apêndice D](#)).

As sessões contaram com a participação de um coordenador (este pesquisador), um auxiliar (profissional da área da saúde) e um observador (graduando da área da saúde). As atividades foram estruturadas em três momentos, conforme apresentado no *Quadro 1* a seguir:

Quadro 1 - Estrutura e Procedimentos do Grupo Focal

Procedimento	Tempo	Descrição
Acolhimento	45 minutos	Apresentação dos participantes, alinhamento de expectativas e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização de Gravação de Voz (TAGV).
Roda de conversa	120 minutos	Conduzida a partir de questões disparadoras elaboradas com base em Trad (2009).
Avaliação e encerramento	30 minutos	Devolutiva dos participantes sobre o encontro utilizando palavras ou frases-chave.

Fonte: Elaboração do autor, 2025.

As sessões foram gravadas em áudio, transcritas posteriormente pelo pesquisador, e tratadas com rigor ético, garantindo o anonimato e a confidencialidade dos dados. A participação foi voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ([Apêndice B](#)) e do Termo de Autorização de Gravação de Voz ([Apêndice C](#)).

Além disso, após a obtenção das informações necessárias na coleta de dados, iniciou-se o processo de análise. Com base em Minayo (2024), essa etapa possui diversas finalidades: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou refutar os pressupostos da pesquisa, ampliar o conhecimento sobre o tema investigado e articulá-lo ao contexto cultural do qual faz parte.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados com base na técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2010). O processo analítico seguiu as seguintes etapas:

1. *Leitura flutuante do material transcrito*, com o intuito de apreender uma visão geral dos conteúdos discutidos;
2. *Seleção das unidades de análise*, guiada pelos objetivos da pesquisa e pelas questões norteadoras;
3. *Codificação e categorização dos dados*, considerando tanto a frequência de ocorrência dos temas quanto sua relevância teórica e empírica;
4. *Agrupamento das categorias emergentes*, com base em regularidades, convergências e divergências encontradas nas falas dos participantes;
5. *Interpretação dos resultados*, articulando as categorias identificadas com o referencial teórico adotado e com o contexto das práticas docentes no ambiente escolar.

Essa abordagem permitiu apreender, com profundidade, os significados atribuídos pelos professores às experiências vividas no cotidiano escolar, especialmente no que se refere à violência autodirigida e ao sofrimento psíquico de seus alunos. Além disso, utilizou-se a plataforma *Infogram* (2025) para a criação de nuvens de palavras com o objetivo de auxiliar na análise dos dados. Os demais dados foram quantificados por meio da tabulação em quadros, realizada com o uso do programa *Microsoft Word* (2010).

Todos os questionamentos levantados foram analisados por meio de uma leitura analítica, na qual as ideias foram relacionadas a diferentes autores, com o intuito de promover uma discussão a favor ou contrária a determinadas colocações, visando à construção de respostas para o problema de pesquisa.

3.4.1 Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram incluídos na pesquisa os professores em exercício da docência no Ensino Fundamental, em regime de tempo integral, nas escolas participantes, que manifestaram interesse em participar do estudo, estavam presentes no dia da roda de conversa e responderam ao questionário aplicado. Foram excluídos aqueles com

menos de um ano de experiência docente, os que não demonstraram interesse em participar da pesquisa, os que não atuavam como docentes na escola e aqueles que, por qualquer motivo, recusaram-se a participar.

3.4.2 Aspectos Éticos

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 2012), tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o parecer nº 81953924.0.0000.5519 ([Anexo B](#)).

Foram esclarecidas as condições da pesquisa e, diante do exposto, ficou claro o objetivo do trabalho, sendo informado aos participantes que os dados obtidos seriam utilizados exclusivamente para fins de pesquisa. As informações coletadas não acarretariam qualquer risco ou prejuízo, permanecendo sob a guarda dos pesquisadores. Todos os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ([Apêndice B](#)), ficando com uma cópia do documento.

3.4.3 Riscos e Medidas de Prevenção

Quadro 2 - Riscos e Estratégias de Prevenção da Pesquisa

Riscos	Estratégias de Prevenção
Constrangimento ao responder	Ambiente de escuta acolhedora, participação voluntária e possibilidade de interrupção a qualquer momento.
Quebra de sigilo	Gravações protegidas por senha e anonimato garantido.
Estresse emocional	Encaminhamento para equipe especializada, caso necessário.
Cansaço	Pausas durante a atividade, conforme necessidade dos participantes.

Fonte: Elaboração do autor, 2025.

3.4.4 Benefícios da Pesquisa

Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para a ampliação da compreensão acerca das percepções e práticas docentes frente à violência autodirigida entre crianças e adolescentes, favorecendo o desenvolvimento de estratégias de prevenção mais eficazes no ambiente escolar. Além disso, o estudo poderá subsidiar ações de formação continuada para professores, fomentar práticas de autocuidado e ampliar o diálogo sobre saúde mental nas instituições de ensino. Os achados têm potencial para beneficiar diretamente os participantes e, de forma indireta, toda a comunidade escolar, podendo influenciar positivamente políticas públicas nas áreas da educação e da saúde.

4 ANÁLISE DOS DADOS/RESULTADOS

Na Escola Municipal Paulo Fontelles de Lima, participaram da pesquisa 20 professores, sendo 5 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Já na Escola Municipal João Prudêncio de Brito, o grupo foi composto por 13 professores, dos quais 5 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Totaliza-se, assim, 33 participantes. Observa-se, portanto, uma predominância de professoras em ambas as instituições, o que acompanha a tendência nacional de feminização da docência, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

Durante os grupos focais, os professores compartilharam experiências e reflexões acerca da violência no contexto escolar, destacando a complexidade das interações entre os estudantes, frequentemente marcadas por conflitos.

A partir da análise dos depoimentos, emergiram cinco categorias temáticas, a serem desenvolvidas nesta seção, quais sejam: (1) Conceituando a violência; (2) Sobre “viver” à violência na escola; (3) A violência nossa de cada dia; (4) Quando é possível perceber os sinais de violência; e (5) Como preparar a escola para atuar no enfrentamento da violência.

Figura 1 – Categorias Temáticas emergidas a partir dos registros de falas realizadas em Grupo Focal



Fonte: Elaboração do autor (2025).

Foi possível identificar que diversas formas de violência são produzidas por estudantes no ambiente escolar, atingindo tanto seus colegas quanto os professores.

4.1 CONCEITUANDO VIOLÊNCIA

Os professores consideraram diversos aspectos para conceituar a violência, englobando fatores biopsicossociais, como evidenciam os depoimentos no *Quadro 3* abaixo:

Quadro 3 - Concepções de Violência a partir dos Participantes do Grupo Focal

Depoimento	Participante
[...] e de repente, uma voz mais áspera, uma frase mais forte faz com que a pessoa esteja em um estado triste, de tristeza, ou até de depressão. Isso é uma forma de violência”.	G1P1
[...] não é só aquele desequilíbrio, mas até a falta de atenção que a gente deixa de conceder a um adolescente, a um filho, a um sobrinho, vai ser uma violência para aquela criança, quando ela está precisando de uma atenção e a gente não dá.	G1P6
Violência são ações que trazem consequências ruins, negativas para as pessoas, para a sociedade, dependendo da situação, ela ultrapassa a ética, a moral religiosa, física, mental.	G1P7
[...] às vezes uma ofensa é respondida com um ato de violência. Quer dizer, eu não tenho a capacidade de me conter no campo de conversa, no meu campo de diálogo e expresso com violência aquilo que está contigo.	G1P9
Tem a ver com o a dificuldade de você se autocontrolar, se autorregular.	G1P10
Para mim, qualquer tipo, qualquer situação que interfira no meu dia a dia, na minha tranquilidade, no meu viver, é uma forma de violência.	G1P16
É um ato de agressão que pode ser física ou psicológica.	G2P3
Violência é quando se machuca o outro e a gente.	G2P1
[...] algo que faz você se sentir, se sentir mal, faz você chorar de tristeza, que magoa. Uma fala, às vezes, dói até mais do que um jato, uma coisa assim.	G2P5
Ser indiferente ao outro é uma forma de violência, falar com indiferença de forma agressiva, sem saber como o outro pode colaborar, a forma de distratar é ato de violência.	G2P6

Fonte: Elaboração do autor, 2025.

Nos estudos de Monti (2020), ficou evidente que grande parte dos professores observa a violência infantojuvenil ocorrendo em diferentes contextos e assumindo diversas formas, com destaque para a violência intrafamiliar. Para Souza e Andrade (2019), os professores identificam a violência entre os adolescentes de maneiras variadas, abrangendo a violência física, psicológica, sexual e a negligência. Esses

dados corroboram os achados da presente pesquisa, na qual os professores relatam a existência de diferentes manifestações de violência, desde a psicológica até a expressa por meio da indiferença — esta última sendo percebida na ausência de interesse pelo adolescente e por suas emoções.

Especificamente em relação à violência autodirigida, os professores relataram que ela está presente entre os estudantes, sendo conceituada como a expressão física de um sofrimento emocional.

Quadro 4 - Concepções de Violência Autodirigida a partir dos Participantes do Grupo Focal

Depoimento	Participante
[...] acontece quando a dor externa [lesões] ela é maior do que a interna [emocional]. Então para superar ela faz isso, que é para ver se aquela dor [externa] seja maior do que aquela dor [interna] que percebe.	G1P1
A auto violência é tanto quando eles deixam o físico, né, aparecer, transparecer para quem está lá fora.	G1P4
Quando eu também deixo de me cuidar, acho que acaba sendo uma auto violência. Quando eu sei que eu estou com aquilo, que eu preciso ir, mas eu não vou, então eu estou fazendo uma violência contra mim.	G1P4
É um grito de socorro utilizando o próprio corpo. [...] a pessoa não sabe lidar com o externo, e se auto sufoca.	G1P11
É uma força emocional, que não está bem.	G1P13
[...] consciente é quando eu me continuo, fisicamente, para chamar a atenção de alguém, de um grupo, de uma situação. E também aquela auto violência estendida, que eu denomino aqui como estendida, que é aquela pessoa que deixa de fazer ou faz algo que o prejudicará a longo prazo.	G1P16
Dor que causa de forma extrema, que acaba transferido para o próprio corpo em forma de lesões no próprio corpo. O aluno diante dos problemas vai se autoagredindo.	G2P1
[...] são violências que vamos provocando com a gente, no dia a dia, sem saber lidar e acha normal. [...] começamos a perder nossa própria identidade, em busca de ser boa em tudo, para ser aceita pela sociedade. São violências que vamos cometendo no dia a dia contra a gente mesmo.	G2P12

Fonte: Elaboração do autor (2025).

Durante o grupo focal, os professores compartilharam diversas situações vivenciadas no contexto escolar, expressando como compreendem a violência em suas múltiplas formas de manifestação — incluindo a autoprovocada. Os relatos

evidenciam que se trata de um fenômeno complexo, presente no cotidiano desses profissionais e no mundo da vida escolar.

Corroborando os relatos dos professores deste estudo, Da Silva e Pegoraro (2023) demonstraram que a maioria dos docentes percebe a violência autodirigida como lesões provocadas no próprio corpo, geralmente motivadas por aspectos emocionais relacionados à tristeza profunda e a mudanças comportamentais. Os autores também ressaltam a dificuldade de identificar essas alterações, o que torna mais desafiadora a detecção desse tipo de violência.

4.2 SOBRE “VIVER” À VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A partir dos relatos, é possível perceber que a violência presente no ambiente escolar expõe professores e estudantes a situações de horror, provocando medo, insegurança e traumas.

[...] uma aluna que, durante o jogo, teve agressão física. Durante o jogo ela errou uma passada, errou alguma coisa, e toda a equipe veio em cima dela, brigando com ela, ela saiu correndo (G1P1).

[...] violência física dentro da sala de aula, ele socava a cadeira e espancava. O outro pediu ajuda, os demais colegas só ouviam. Depois chegou alguém e ajudou. E ao chegar na secretaria, eu chorei muito. Enquanto professora eu me senti incapaz de ajudar naquele momento, foi horrível. Não quero mais passar por isso (G2P9).

Os sentimentos de medo e insegurança frente às situações vivenciadas pelos professores no ambiente escolar são comuns em casos de violência infantojuvenil, como demonstrado também na pesquisa de Silva (2023). Para o autor, os docentes não se sentem preparados para lidar com episódios de violência entre adolescentes e casos de autolesão, relatando a ausência de capacitação e de materiais informativos que os orientem sobre como enfrentar essas situações.

Dentre os casos descritos pelos professores, o *bullying* e o *cyberbullying* aparecem como fenômenos recorrentes, que comprometem o bem-estar dos estudantes:

Outro tipo de violência muito comum são os comentários sobre o corpo da pessoa, de forma racista, comprometendo a autoestima do outro (G2P8).

O bullying é um exemplo na escola, que hoje é crime e que a gente tenta combater, mas ainda é muito difícil. E aí é algo que a gente procura diariamente, a conscientização. mas a gente não consegue 100%, né? A gente sempre está ali buscando resolvendo a questão do bullying, que o bullying não é novo, ele é algo que nós passamos também por isso (G1P7).

[...] publicações de vídeos expondo os alunos. Quem sofreu por isso não tem mais vontade de frequentar a escola, pela vergonha (G1P15).

Corroborando os estudos de Flores *et al.* (2022), o *bullying* e o *cyberbullying* também foram observados, por parte dos professores, como formas recorrentes de violência entre os estudantes. Nesse estudo, os docentes apontaram fragilidades da escola quanto à efetividade na resolução das problemáticas relacionadas à violência. Para os professores, as situações de *cyberbullying* eram frequentes entre os alunos e ocorriam principalmente nas redes sociais, por meio de discursos de ódio, ofensas, comentários pejorativos e distorção de imagens.

O estudo supracitado reforça que, em decorrência do avanço das tecnologias, o *cyberbullying* tornou-se um fenômeno bastante comum entre a população infantojuvenil, impulsionado pelo uso crescente da internet por esse público.

Além dessas manifestações, outras formas de violência também foram mencionadas pelos professores, como roubo, abuso sexual e alienação parental, evidenciando que a escola muitas vezes reflete — e se torna extensão — das vulnerabilidades sociais às quais os estudantes estão expostos no ambiente doméstico.

Uma violência que acontece muito é o furto, pois acontece demais, e às vezes não é nem aquilo que ele [estudante] necessita (G1P7).

É muito comum, principalmente na nossa escola aqui, aquela violência que proíbe o filho de falar com o pai, porque a relação conjugal entre o pai e a mãe já não é a mesma coisa, já estão em casas, já estão em casas separadas, e para atingir um dos pontos disso, o outro distancia o filho do pai, ou a filha do pai ou da mãe (G1P16).

Ato violento pode ser até inconsciente, como crianças fazendo atos sexuais dentro da escola (G1P18).

O tipo de violência que mais chama a atenção e amplia a preocupação dos professores é o abuso sexual dentro do ambiente escolar. Nos estudos de Da Silva, Justi e Vasconcelos (2019), evidenciou-se que a maioria dos docentes menciona dificuldades em identificar as características comportamentais dos estudantes que sofrem abuso sexual, seja na escola ou fora dela — embora reconheçam que ele está

presente em ambos os contextos. Os autores reforçam que o abuso sexual infantil constitui um grave problema social e figura com frequência entre os alarmantes índices de violência contra crianças e adolescentes.

Nesse cenário, a escola desempenha um papel fundamental e deve estar comprometida em colaborar com os professores, por meio de projetos de intervenção eficazes e programas de capacitação. Dessa forma, o educador — que mantém contato diário com os alunos — poderá estar mais preparado para reconhecer possíveis sinais de que uma criança esteja em situação de risco.

Os professores também relataram que a violência autoprovocada configura-se como um fenômeno complexo e recorrente no ambiente escolar. A dor emocional dos estudantes parece encontrar expressão por meio de comportamentos autolesivos e lesões corporais.

Nós também tivemos um aluno que parecia ser um menino alegre, um menino divertido. E do nada o menino aparecia com os cortes, do nada não, porque a gente não sabe o que se passa realmente dentro, né? Ele aparecia, surgiu lá, todo mutilado (G1P10).

[...] e quando se fala da autoviolência, me veio eles na mente [estudantes], principalmente os que eram alunos lá do sexto, a aluna porque ela fez muito automutilação (G1P10).

Já vi na escola alunos se machucado, como se socar na parede para tirar o estresse (G2P11).

Nota-se que formas graves de violência estão presentes no cotidiano escolar e que os professores, além de não se sentirem preparados para lidar com tais situações, muitas vezes também se percebem desamparados (Silva, 2023). O ambiente escolar, socialmente idealizado como espaço seguro e protetivo, frequentemente torna-se palco de agressões das mais diversas naturezas, expondo estudantes e docentes a riscos de lesões físicas e traumas emocionais — comprometendo não apenas a saúde física, mas também a saúde mental desses sujeitos. Diante disso, ao reconhecer a presença da violência nas relações sociais no contexto escolar, evidencia-se o papel fundamental da equipe gestora, dos professores e dos demais profissionais da escola na promoção de ações que auxiliem os alunos a identificarem e enfrentarem os conflitos vivenciados (Giordani; Seffner; Dell’Aglio, 2017).

4.3 A VIOLÊNCIA NOSSA DE CADA DIA

Inúmeras formas de violência estão presentes no cotidiano da humanidade, muitas vezes manifestando-se como fenômenos enraizados e, por vezes, socialmente tolerados.

A violência, como eu disse, está em todo lugar. É no trânsito, até nas crianças. Na rua, nos caminhos. E realmente é preciso de um trabalho. Para tentar a melhorar isso (G1P3).

A violência não está na periferia e na escola pública, ela está tão disseminada que está em todos os espaços da sociedade (G2P8).

Esses relatos corroboram o entendimento de que a violência é multifacetada e estruturante, como já pontuava Minayo (2006), ao afirmar que a violência deve ser compreendida não apenas como um ato, mas como uma relação de poder, construída historicamente e sustentada por desigualdades econômicas, sociais e culturais. Essa perspectiva permite entender a violência não como um evento isolado, mas como expressão de uma lógica social perversa que marginaliza, oprime e silencia.

A recorrência com que os professores observam situações violentas em seus cotidianos, tanto dentro quanto fora da escola, reflete também a banalização desses atos e a sobrecarga simbólica que carregam. A violência, nesse sentido, deixa de ser um acontecimento extraordinário e passa a compor um cenário estruturalmente adoecido, no qual se instauram sentimentos de impotência, desamparo e resignação (Souza, 2009).

Além disso, essa constatação remete ao conceito de violência estrutural, proposto por Weber, Gianolla e Sotero (2020), que se refere a formas de violência incorporadas ao tecido social, manifestando-se por meio da desigualdade no acesso a direitos, recursos e oportunidades. Quando os professores mencionam que “a violência está em todos os lugares”, estão, ainda que intuitivamente, apontando para essas estruturas excludentes e opressoras que moldam o cotidiano da população brasileira, sobretudo das camadas mais vulneráveis.

No contexto escolar, esse cotidiano violento impõe desafios significativos ao trabalho pedagógico. Chrispino e Chrispino (2023) já alertavam que a escola não está isolada dos conflitos sociais e, muitas vezes, é o palco onde essas tensões se evidenciam de forma aguda. Isso exige dos professores competências emocionais e

estratégias que vão muito além do conteúdo pedagógico e para as quais, frequentemente, não foram preparados.

A violência vivida e percebida diariamente contribui também para o desgaste emocional desses profissionais, afetando diretamente sua saúde mental e seu senso de eficácia. Como destaca Almeida (2013), o professor que atua em contextos de vulnerabilidade social enfrenta, além dos desafios pedagógicos, o peso da função de “educador social”, sem que haja, muitas vezes, apoio institucional ou formação específica para isso.

Portanto, a “violência nossa de cada dia” deve ser compreendida como um fenômeno que atravessa a escola, mas que também a excede, demandando ações intersetoriais e políticas públicas eficazes, que contemplem tanto a prevenção da violência quanto o cuidado com os profissionais da educação. Compreender essa realidade é fundamental para pensar estratégias que preparem a escola para enfrentar tais desafios, reconhecendo seu papel enquanto espaço de proteção e desenvolvimento, mas também seus limites como instituição imersa em um contexto social violento e desigual (Pereira, 2015).

4.4 QUANDO É POSSÍVEL PERCEBER SINAIS DA VIOLÊNCIA

O sofrimento emocional torna-se mais evidente quando se manifesta por meio de sinais físicos ou por comportamentos e aparências que destoam dos padrões do grupo. Antes disso, os estudantes costumam ser percebidos como pessoas “normais”, e os professores sequer imaginam as dificuldades e lutas internas que esses alunos possam estar vivenciando.

[...] capuz, blusão, isolamento, indisposição para jogar ou fazer outros exercícios ou interação social (G1P18).

A gente vê muitos meninos, eles se escondem atrás de uma roupa normalmente muito escura. Quando eu vejo algumas crianças escondidas naqueles agasalhos escuros, eu já fico preocupada. Por quê? Porque eu sei que ali tem alguma coisa além daquela roupa (G1P7).

Às vezes observamos pequenos sinais como: o ar está estragado e o alunos está de capuz, comportamento triste, cabeça baixa na cadeira, não se socializar com ninguém, criar um problema e pedir para ir para casa (G1P15).

Os relatos revelam que, muitas vezes, os sinais de violência e sofrimento psíquico manifestam-se de forma sutil, expressos por meio de gestos, comportamentos ou escolhas estéticas que fogem ao padrão considerado “normal” no ambiente escolar. Capuzes, roupas escuras, isolamento e desinteresse por atividades coletivas surgem como formas silenciosas de comunicação do mal-estar que atravessa a subjetividade de muitos estudantes.

Comportamentos específicos dos estudantes são reconhecidos pelos professores como indicativos importantes para suspeitar de atos de violência entre eles. Cabe ressaltar que muitos docentes não percebem tais mudanças, o que dificulta a identificação da violência nesse grupo (Tiellet; Corsetti, 2013).

Entretanto, o reconhecimento desses sinais pelos professores depende, em grande medida, da sensibilidade individual e da convivência cotidiana com os alunos, evidenciando uma lacuna na formação docente no que se refere ao cuidado emocional e à identificação de situações de vulnerabilidade. Embora os profissionais da educação estejam atentos a mudanças comportamentais, ainda carecem de preparo sistemático para interpretar esses sinais e agir de forma assertiva no enfrentamento das múltiplas formas de violência vivenciadas pelos discentes (Oliveira; Costa; Miranda, 2020).

Infere-se, portanto, que é necessário fortalecer estratégias institucionais que ampliem o olhar dos educadores para além do desempenho acadêmico, promovendo uma escuta qualificada e atenta aos sinais não verbais de sofrimento. Para Batista (2016), a construção de uma escola sensível às dores silenciosas de seus alunos implica repensar o papel da educação como espaço de acolhimento, vínculo e promoção da saúde mental, reforçando, assim, a atuação do professor como um dos pilares no enfrentamento dessa problemática.

As falas apresentadas revelam que os professores, embora não sejam formados especificamente para lidar com questões de sofrimento psíquico, conseguem perceber mudanças sutis nos comportamentos dos alunos que sinalizam um possível estado de vulnerabilidade. A observação de sinais como o uso excessivo de agasalhos, o isolamento social, a falta de energia ou a postura cabisbaixa demonstra que os educadores desenvolvem, ainda que empiricamente, formas de leitura subjetiva do sofrimento.

Contudo, essa leitura carece de suporte técnico e formativo. Muitos professores relatam não saber como agir diante dessas situações, evidenciando uma lacuna na

formação docente quanto às dimensões emocionais e psicossociais do educar. Como afirma Abed (2016), a escola é um espaço de desenvolvimento integral, e isso exige que o educador esteja preparado não apenas para ensinar conteúdos, mas também para acolher o sujeito em sua totalidade — corpo, mente e afetos.

Nesse sentido, o sofrimento emocional dos estudantes, muitas vezes invisível, só se torna perceptível quando extrapola para o comportamento. Isso exige do professor uma escuta atenta, sensível e comprometida, como propõe Reis (2024), ao defender que a escola precisa ser um lugar de reconhecimento da dor e da diferença. A ausência de preparo técnico, aliada ao acúmulo de tarefas e à falta de apoio institucional, pode levar o professor a naturalizar ou mesmo ignorar esses sinais.

A escola, portanto, deve se constituir como espaço privilegiado de escuta, acolhimento e cuidado. Isso só será possível por meio de formação continuada, suporte da equipe multiprofissional e políticas públicas comprometidas com a saúde mental infantojuvenil. Como reforça Fazenda (1995), é no ato de educar que se concretiza a possibilidade da transformação — e isso inclui transformar o silêncio do sofrimento em palavra, e a dor em ação coletiva de cuidado.

4.5 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O COMPORTAMENTO DE VIOLÊNCIA ENTRE ESTUDANTES

De acordo com os professores, entre os diversos fatores que podem contribuir para comportamentos violentos em crianças e adolescentes, destaca-se a dinâmica familiar. Muitas vezes, a omissão, negligência e ausência dos pais refletem-se no mau comportamento dos filhos.

Falhas do adulto por dar tudo para as crianças para compensar a nossa ausência, isso forma um caráter que eles acreditam que podem tudo (G1P1).

A gente passa muito tempo no serviço, deixa eles muito tempo sozinhos, e isso acaba contribuindo também para essa vulnerabilidade dele, porque a gente deixa a educação deles, os ensinamentos diários para a escola, para a rua. Então isso vai deixando ele também vulnerável (G1P7).

A partir da concepção do feto, isso já é a primeira violência, será que ela foi planejada, ela não tem aquele carinho e recepção como esperado, então isso vai só se acentuando e sendo abandonada, isso é uma violência (G1P10).

[...] quando dialogamos com os responsáveis entendemos o motivo do comportamento deles [estudantes], que é reflexo da criação. Então, eles vão

buscar outras referências. Diante disso há um conflito interno o tempo todo. (G2P11).

Nos estudos de Silva (2023), a violência entre os alunos decorre, em grande parte, de causas extramuros escolares, tendo sua origem principalmente no seio familiar. Esse achado corrobora os resultados desta pesquisa, que identifica a dinâmica familiar como fator determinante para a existência de atos de violência, seja por omissão da família diante do adolescente, seja por manifestações de violência verbal e/ou física.

Além disso, o acesso à tecnologia e às redes sociais, de forma deliberada, também parece contribuir para a violência entre os estudantes, tanto na vitimização quanto na autoria de abusos.

O próprio meio tecnológico contribui para a violência dos jovens. Com a internet qualquer coisa é jogado na mídia e a pessoa se sente agredida, e isso aumenta a violência. Então, o meio virtual torna a violência ainda mais complexa, pois eles assistem conteúdo não adequado para a idade (G2P13).

[...] a busca constante por padrão de beleza, ideias estereotipadas, influências da mídia pela necessidade de se encaixar, ficar dentro dos padrões considerado ideal podem levar a tais atos, poucas pessoas que se aceitam. (G1P18).

Os dados coletados e as reflexões dos docentes evidenciam que os comportamentos violentos entre estudantes não podem ser atribuídos a um único fator isolado, mas decorrem de um conjunto complexo de influências interrelacionadas, envolvendo tanto o ambiente familiar quanto as dinâmicas sociais mediadas pelas tecnologias digitais (Ferreira, 2018). A dinâmica familiar, especialmente em contextos marcados pela omissão, negligência ou ausência dos responsáveis, configura-se como fator primordial para a compreensão desses fenômenos. As falhas parentais, muitas vezes manifestadas por tentativas de compensação material da ausência afetiva, contribuem para a construção de um perfil comportamental no qual os adolescentes desenvolvem crenças de impunidade, as quais potencializam atitudes agressivas. Destaca-se, nesse sentido, a importância de uma educação afetiva e atenta, que conjugue orientação e presença efetiva, como elemento central na prevenção dessas condutas (Da Silva; Pegoraro, 2023).

Ademais, o prolongado tempo que os jovens permanecem desacompanhados, em razão das extensas jornadas laborais dos responsáveis, expõe esses indivíduos a uma maior vulnerabilidade, circunscrevendo a escola e as vias públicas como os

principais espaços de socialização e aprendizagem. Tal afastamento da estrutura familiar, aliado a sobrecarga da escola enquanto espaço educativo e socializador, reforça a compreensão da violência escolar como uma resposta à sensação de abandono e à carência de pertencimento social.

Por outro lado, o impacto da tecnologia, em especial no que tange ao uso das redes sociais, potencializa a problemática da violência entre estudantes. O acesso irrestrito à internet e a exposição a conteúdos inadequados promovem a dessensibilização dos jovens quanto à gravidade de seus atos, simultaneamente contribuindo para a intensificação dos comportamentos agressivos. A pressão exercida para a conformidade a padrões estéticos e comportamentais veiculados pela mídia configura um ambiente de constante comparação, o que fomenta sentimentos de frustração e, conseqüentemente, manifestações violentas. A busca pela aceitação social, associada à imposição de estereótipos relacionados à beleza e ao sucesso, atua como catalisador para a escalada de condutas agressivas, tanto no âmbito virtual quanto presencial (Ferreira, 2018).

Nesse sentido, os docentes indicam que a violência entre estudantes não se constitui como fenômeno isolado, mas antes como expressão de dinâmicas multifacetadas, que abarcam tanto a fragilidade estrutural familiar quanto os efeitos adversos de uma sociedade cada vez mais conectada e permeada por padrões frequentemente inalcançáveis. Para o estabelecimento de uma rede efetiva de proteção e enfrentamento, revela-se imprescindível que a escola, a família e a sociedade adotem uma postura integrada e responsável, disponibilizando aos jovens os instrumentos necessários para seu desenvolvimento saudável e respeitoso. Conforme aponta Rodrigues (2024), a promoção de uma educação que valorize a presença afetiva dos adultos, aliada a um uso crítico e consciente das tecnologias, representa um caminho promissor para a mitigação dos fatores de risco associados à violência escolar.

4.6 COMO PREPARAR A ESCOLA PARA ATUAR NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA

A educação permanente, aliada à inclusão da temática da violência infantojuvenil nas formações iniciais e continuadas, bem como nos conteúdos

curriculares, foi destacada como estratégia fundamental para fortalecer a atuação escolar na prevenção e manejo dos casos de violência entre estudantes.

[...] hoje temos disciplinas eletivas que vão além do currículo básico e podem ajudar. Projetos são fundamentais para ajudar com temas como preconceito. [...] formação continuada de professores, levando essas discussões para reflexão (G1P16).

A prevenção precisa ser educação, mas uma educação que seja honesta, sem provocar o partidarismo, proporcionando valores morais no espaço escolar, de conduta e comportamento exemplar (G2P9).

A escola precisa falar sobre violência e como resolver isso sem punição (G1P15).

Para que a escola desempenhe efetivamente seu papel enquanto espaço de proteção às crianças e adolescentes frente à violência, é imprescindível que, além do preparo técnico proporcionado por meio de cursos, palestras e outras ações formativas, seja adotado um trabalho em rede. Essa rede deve articular a escola com outras instituições fundamentais, especialmente as áreas de saúde e assistência social, bem como incluir a família como protagonista no processo de cuidado e prevenção.

Participar de cursos e palestras, pois não é um problema apenas da escola e sim da sociedade (G1P5).

Palestras e atividades com palestrantes. A escola não vai conseguir sozinha, sempre precisa de apoio (G1P9).

A família precisa estar presente também nesse contexto das ações, porque as vezes os nossos alunos estão provocando ou passando por violência, mas pode ter esse exemplo dentro de casa (G1P12).

A escuta ativa, o acolhimento, a construção de relações pautadas na confiança e no respeito foram destacados pelos professores como ações fundamentais para o enfrentamento da violência no contexto escolar.

[...] dar atenção para aquela situação, para que o aluno que fez a ação, ele entenda que, por mais que seja simples, que às vezes a gente considera simples, mas que aquela ação que ele teve vai haver uma consequência (G1P4).

Escuta, roda de conversa, com temáticas em roda de conversa uma vez por mês. Autocuidado, causas e consequências, entram em pauta nas rodas de conversas (G1P18).

Orientação sem preconceito dentro da escola, por professores e demais servidores. Devem acontecer dentro da escola e faz parte, é claro, de forma correta, até para refletir de forma correta (G2P12).

[...] ajudá-los a ver o mundo deles, e imaginar como os jovens imaginam dentro de suas perspectivas. Vemos dentro da nossa própria perspectiva, precisamos tirar o nosso foco e olharmos para o deles (G2P8).

Primeiro o acolhimento, saber ouvir as necessidades dessa criança, dar um abraço, sorrir, estar disponíveis para acolher. Realizar mais formação para que o professor possa conseguir perceber esses comportamentos violentos e prevenir, dessa forma conseguiremos nos preparar melhor para orientar esses alunos com temas transversais, como autoestima, preconceito (G1P18).

Para que a escola se configure como um espaço efetivo no enfrentamento da violência entre estudantes, torna-se imprescindível a adoção de uma abordagem multifatorial, que contemple não apenas a formação continuada dos docentes, mas também a inserção sistemática da temática da violência e de suas implicações nas práticas pedagógicas e no currículo escolar (Maciel, 2024). A promoção da educação permanente, aliada ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares, constitui uma estratégia essencial, na medida em que favorece a reflexão crítica sobre questões como preconceito, valores éticos e morais, e condutas sociais — elementos fundamentais à construção de uma cultura de paz no ambiente escolar.

Nesse contexto, a escola deve ir além da lógica punitivista, assumindo um papel formativo que privilegie a mediação e a resolução pacífica de conflitos, a partir da adoção de práticas que promovam o diálogo, o respeito mútuo e o fortalecimento de vínculos sociais (Oliveira; Costa; Miranda, 2020).

Para além do preparo técnico dos educadores, a colaboração interinstitucional e a atuação em rede configuram-se como elementos indispensáveis no enfrentamento da violência no contexto escolar. A escola, por si só, não possui condições estruturais e operacionais suficientes para lidar, de forma plena e eficaz, com a complexidade do fenômeno da violência, sendo necessária a articulação com outros setores da sociedade, como os serviços de saúde, assistência social e, de maneira especial, as famílias. A integração dessas redes possibilita uma abordagem mais abrangente, considerando a natureza multifacetada da violência, que transcende os limites da instituição escolar e exige a corresponsabilidade de diversos atores sociais (Assis; Njaine; Marriel, 2023).

Os autores supracitados destacam, ainda, que o enfrentamento e a superação da violência no ambiente educacional requerem o engajamento coletivo de todos os sujeitos implicados nesse espaço. É imprescindível a participação ativa do Ministério da Educação (MEC), das Secretarias de Educação, dos gestores escolares, professores, demais profissionais da escola, estudantes, suas famílias, organizações comunitárias, Organizações não Governamentais (ONG's), conselhos, empresas e da sociedade civil em geral. Cada um desses agentes desempenha um papel relevante na análise crítica da realidade educacional e na formulação de estratégias que visem à construção de um ambiente escolar pautado pelo respeito aos direitos humanos e pela promoção de uma cultura de paz, na qual a violência não seja naturalizada nem tolerada.

Outro aspecto de fundamental relevância, destacado pelos professores, refere-se à adoção de práticas pedagógicas que privilegiem a escuta ativa, o acolhimento e o respeito mútuo no ambiente escolar. Tais ações são indispensáveis para a construção de vínculos de confiança entre alunos e educadores, criando condições favoráveis para que os estudantes se sintam seguros ao expressar suas angústias, conflitos e necessidades emocionais. Além disso, essas práticas contribuem para o desenvolvimento da empatia e da autorreflexão, favorecendo a tomada de consciência acerca das consequências de seus próprios comportamentos. Conforme salientam Anunciação *et al.* (2018), estratégias como rodas de conversa, atividades voltadas ao autocuidado e orientações isentas de julgamentos constituem ferramentas eficazes no fortalecimento dos laços afetivos entre professores e alunos, promovendo um ambiente escolar mais saudável, humanizado e inclusivo.

Ademais, a preparação da escola para o enfrentamento da violência não deve restringir-se a medidas pontuais ou reativas, sendo imperativo o planejamento de ações preventivas que envolvam todos os segmentos da comunidade escolar. Nesse sentido, a adoção de uma abordagem integrada e holística, que leve em consideração as múltiplas dimensões da vida dos estudantes — incluindo aspectos familiares, sociais, emocionais e culturais —, mostra-se essencial para que a escola cumpra seu papel como espaço privilegiado de proteção, desenvolvimento e transformação social. Apenas por meio de um esforço conjunto entre escola, família e sociedade será possível promover a redução efetiva dos índices de violência no contexto educacional e assegurar um ambiente escolar mais seguro, acolhedor e propício ao aprendizado e ao bem-estar de todos os envolvidos.

5 CONSIDERAÇÕES

A presente pesquisa teve como objetivo compreender as percepções, estratégias de enfrentamento e formas de atuação adotadas por professores da rede pública de ensino diante da violência autodirigida e de outras manifestações de violência envolvendo crianças e adolescentes no contexto escolar. A partir de uma abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, com a utilização de grupos focais como principal técnica de coleta de dados, evidenciou-se a complexidade multifatorial da violência nas escolas, bem como os inúmeros desafios enfrentados pelos educadores em seu cotidiano profissional.

A violência autodirigida, embora reconhecida como presente no ambiente escolar, ainda é abordada de forma incipiente, marcada por silenciamentos, estigmas e fragilidades institucionais. Os relatos docentes revelaram dificuldades na identificação precoce do sofrimento psíquico entre os estudantes, agravadas pela ausência de formação específica, sobrecarga de atribuições e carência de suporte emocional. Muitos comportamentos violentos observados pelos professores foram associados a contextos familiares disfuncionais, negligência, abandono afetivo e à influência de fatores externos, como o uso excessivo das redes sociais.

As categorias analíticas revelaram que os professores compreendem a escola simultaneamente como espaço de acolhimento e proteção, e como local de reprodução de tensões, desigualdades e violências. Essa ambivalência evidencia os limites institucionais que os docentes enfrentam diante da complexidade das situações vivenciadas, especialmente aquelas que envolvem sofrimento psíquico, vulnerabilidade social e violência autodirigida.

No que se refere às estratégias de enfrentamento, os participantes apontaram a importância da formação continuada com foco em temáticas socioemocionais, da articulação intersetorial com os setores da saúde e da assistência social, e da participação ativa das famílias. Práticas como escuta ativa, acolhimento sem julgamento e vínculos baseados na confiança foram destacadas como fundamentais para que a escola se consolide como um espaço de proteção integral.

No campo da Educação em Saúde, esta pesquisa reforça a necessidade de integrar práticas pedagógicas e estratégias de cuidado, sobretudo no que se refere à saúde mental de crianças e adolescentes. A formação docente deve contemplar, de forma transversal, os determinantes sociais da saúde e da violência, capacitando os

educadores para o reconhecimento precoce do sofrimento psíquico e a atuação em rede com outros setores.

Os resultados obtidos estão em consonância com a literatura contemporânea. Autores como Silva Filho e Minayo (2021) apontam que o suicídio infantojuvenil permanece envolto por um triplo tabu — infância, morte e silêncio —, dificultando sua prevenção. Maciel e Teixeira (2023) observam que os professores, apesar de estarem na linha de frente, sentem-se despreparados para intervir em casos de sofrimento psíquico severo. Nunes e Sales (2021) defendem que a violência, especialmente a autodirigida, deve ser compreendida como expressão de múltiplas vulnerabilidades. Carvalho, Assis e Pires (2017) relacionam sofrimento psíquico, negligência afetiva e silenciamento escolar como fatores de risco para comportamentos autodestrutivos.

A literatura recente também evidencia a sobrecarga imposta à escola, que acaba assumindo responsabilidades que extrapolam sua função pedagógica.. Xavier (2024) destaca que, sem uma rede de apoio intersetorial, a escola enfrenta sozinha problemáticas complexas. Da Silva e Pegoraro (2023) reforçam que o desconhecimento sobre a violência autodirigida contribui para a invisibilidade do sofrimento juvenil.

Nesse cenário, a Lei nº 13.935/2019, que dispõe sobre a atuação de psicólogos e assistentes sociais nas redes públicas de educação básica, representa um importante avanço legal ao reconhecer a necessidade de uma equipe multidisciplinar na promoção do bem-estar de crianças e adolescentes. No entanto, a implementação dessa legislação ainda encontra fortes resistências por parte de gestores municipais e estaduais, seja por questões orçamentárias, seja por uma compreensão limitada do papel desses profissionais no contexto educacional. Mesmo nos locais em que a lei foi parcialmente aplicada, observa-se a precariedade das condições de trabalho e a ausência de estratégias de integração com os corpos docente e discente, o que compromete sua efetividade.

Portanto, reafirma-se a necessidade urgente de políticas públicas que assegurem a presença de profissionais da saúde mental nas escolas, bem como condições reais para o exercício de uma educação sensível, inclusiva e protetiva. A prevenção da violência, especialmente da violência autodirigida, exige um olhar ampliado e comprometido com a promoção da vida e da dignidade de crianças e adolescentes.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o recorte territorial restrito ao município de Parauapebas-PA, o que limita a generalização dos resultados. Além disso, a abordagem etnográfica não incluiu outros atores escolares, como estudantes, gestores e profissionais da saúde. Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o escopo analítico, incorporando diferentes realidades regionais e outras perspectivas da comunidade escolar.

Conclui-se que transformar a escola em um espaço verdadeiramente protetivo e promotor de saúde exige investimento contínuo na formação docente, políticas públicas eficazes e o fortalecimento dos vínculos humanos que sustentam o processo educativo. Escutar, acolher e cuidar devem ser práticas dirigidas não apenas aos estudantes, mas também aos educadores, que enfrentam, cotidianamente, os desafios impostos pelas múltiplas formas de violência. Para que a escola cumpra plenamente sua função social e transformadora, é imprescindível o compromisso coletivo com uma educação ética, sensível e atenta à dignidade de todos os sujeitos que dela fazem parte.

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2024.
- ALMEIDA, Myrla Duarte de. **Criança em situação de vulnerabilidade social: desafios do educador social**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34920>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- ANUNCIAÇÃO, Leilane Lacerda. **Estratégias de prevenção e atenção à criança e o adolescente vítimas da violência escolar**. 2018. 194 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Enfermagem) — Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/861>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- ASSIS, Simone Gonçalves de; MARRIEL, Raquel de Castro. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.
- ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie; MARRIEL, Nelson de Souza Motta. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINI, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes; NJAINE, Kathie (eds.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2023. p. 43-70. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557082126.0004>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- AVANCI, Joviana Quintes *et al.* **Comportamento suicida e autolesão na infância e adolescência: conversando com profissionais sobre formas de prevenção**. Rio de Janeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BATISTA, Alisson de Souza; CALHEIROS, Alessandro. Violência escolar—estudo de caso sobre a violência nas escolas da região metropolitana de Belo Horizonte. **Revista Ciência Contemporânea**, v. 1, n. 5, p. 311-326, 2020. Disponível em: <https://cienciacontemporanea.com.br/wp-content/uploads/2023/07/n1v5-05.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.
- BATISTA, Anna Beatriz de São Pedro. **Violências sofridas por jovens alunos e a responsabilidade do professor**. 2016. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) — Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016. Disponível em: <https://rima.ufrjr.br/jspui/handle/20.500.14407/2924>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BHERING, Natália Bianca Vales *et al.* Análise dos fatores de risco relacionados ao comportamento suicida em crianças e adolescentes. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 10861-10875, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/16980>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BINSWANGER, Ludwig. **Introdução à análise existencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1958.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 dez. 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 128, n. 135, p. 13563, 16 jul. 1990.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Relatório de Gestão da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos – Disque 100**. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/relatorios/RELATORIO_DE_GESTAO_DA_OUVIDORIA_2024_.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

CARVALHO, Maria de Fátima Pereira; ASSIS, Simone Gonçalves de; PIRES, Thiago Oliveira. A violência sexual entre adolescentes escolares. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, n. spe, p. 92–106, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29nSPE06>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CASSORLA, Rosa Maria Farah. **Suicídio e adolescência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

CHRISPINO, Alvaro; CHRISPINO, Raquel. **A mediação do conflito escolar**. Digitaliza Conteúdo, 2023.

COELHO, Hildete Pereira; SILVA, Jorge da; LINDNIER, Luciana. **Juventudes e violência: subsídios para políticas públicas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

CONCEIÇÃO BORGES, Leandro *et al.* Nuvem de palavras como estratégia didática em uma turma de Biblioteconomia. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**,

Belo Horizonte, v. 14, p. e053198, 2024. DOI: 10.35699/2237-6658.2024.53198. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/53198>. Acesso em: 23 nov. 2024.

COSTA, M.C.S. Intersubjectivity and historicity: contributions from modern hermeneutics to ethnographic research. **Rev Latino-Am Enfermagem**, v.10, n.3, p.372-382, 2002.

DA SILVA, Rinelza Gemaque; JUSTI, Jadson; VASCONCELOS, Corina Fátima Costa. Percepção de professores sob o abuso sexual na infância. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, diciembre 2019. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2019/12/abuso-sexual-infancia.html>. Acesso em: 11 set. 2024.

DA SILVA, Wesley Júnior; PEGORARO, Renata Fabiana. Processos autolesivos na adolescência: a percepção de professores. *Psi Unisc*, v. 7, n. 2, p. 103-118, 26 jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v7i2.18112> Acesso em: 11 set. 2024.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violence: a global public health problem. In: KRUG, Etienne G. et al. (Org.). **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, p. 1–56. 2002.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FARINHA, Marciana Gonçalves *et al.* Rodas de conversa com universitários: prevenção e promoção de saúde. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** | Belém, 11(2), 19-38, mai. – ago., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.n02artigo51> Acesso em: 11 set. 2024.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Papirus Editora, 1995.

FERREIRA, Daniela de Souza. Apoio e rede social de famílias de crianças e adolescentes vítimas de violência. 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado em Promoção de Saúde) – Universidade de Franca, Franca, 2018.

FLORES, Fabrine Niederauer *et al.* Cyberbullying no contexto escolar: a percepção dos professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. 226-330, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392022226330> Acesso em: 01 jun. 2025.

GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola

pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 1, p. 103-111, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702111092> Acesso em: 01 jun. 2025.

HOHENDORFF, José V.; KOLLER, Silvia H.; HABIGZANG, Luísa F. **Violência contra crianças e adolescentes: um olhar psicológico**. Porto Alegre: Penso, 2019.

INFOGRAM. **Infogram**: criar nuvem de palavra. Riga; San Francisco: Infogram (subsidiária da Prezi, Inc.), 2025. Disponível em: <https://infogram.com/pt/criar/nuvem-de-palavra>. Acesso em: 01 jun. 2025.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. Casa do psicólogo, 1992.

MACIEL, Andréa Maia. **A formação continuada de professores na escola: possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições de ensino médio no Maranhão**. 2024. 224 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

MACIEL, Emanoela Moreira; TEIXEIRA, Selena. Professores diante do comportamento suicida de alunos adolescentes: percepções e intervenções. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-241847> Acesso em: 01 jun. 2025.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Fatores de risco e proteção de doenças e agravos não transmissíveis em adolescentes segundo raça/cor: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, n. 2, p. 247-259, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201700020006> Acesso em: 01 jun. 2025.

MARCOLAN, João Fernando; DA SILVA, Daniel Augusto. O comportamento suicida na realidade brasileira: aspectos epidemiológicos e da política de prevenção. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 31–44, 2019. DOI: 10.9789/2525-3050.2019.v4i7.31-44. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/9290>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (orgs.) **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf> Acesso em: 01 jun. 2024.

MELEIRO, Álvaro Manoel; BAHLS, Sandra Cristina Pillon. **Comportamento suicida: avaliação e manejo**. São Paulo: Atheneu, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 9–42. 2006.

MONTI, Luísa Leôncio. **Estudo sobre violência intrafamiliar contra a criança**: conhecimentos e atitudes de professores da Educação Infantil. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

NETTO, Nilson Berenchtein; WERLANG, Blanca.; RIGO, Soraya Carvalho. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. In: **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia** / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2013.

NUNES, Tânia Maria; SALES, Suely Aparecida de Oliveira. **Práticas cotidianas de violência simbólica e institucional**. São Paulo: Cortez, 2021.

OLIVEIRA, Marianne Lira de; COSTA, Káren Maria Rodrigues da; MIRANDA, Cássio Eduardo Soares. Formação continuada: estratégias de enfrentamento no ambiente escolar à violência infantojuvenil. **Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica**. Universidade Federal do Piauí, v.8, n. 1, p.62-72, jan. / jun. 2020. ISSN: 2318-986X. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/10037> Acesso em: 01 set. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Prevenção do suicídio**: um imperativo global. Genebra: OMS, 2014. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564779>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Suicídio no mundo em 2020**: estimativas globais de saúde. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>. Acesso em: 10 fev. 2025.

PEREIRA, Maria Inez. **Violência da escola e violência na escola**: a percepção dos professores e professoras de escolas de Belo Horizonte e suas implicações para o espaço de trabalho. 2015. Dissertação (Mestrado em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

REIS, Ana Rita Cardoso. **Escuta sensível e inatividade**: alternativas para a ressignificação do tempo e da experiência. 2024. Relatório de Estágio (Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário) - Universidade do Porto, Porto, 2024. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/163770/2/699281.pdf> Acesso em: 17 jan. 2025.

RIBAS, João Roberto; CARVALHO, Luciana dos Santos. **Violência, cultura e subjetividade**: uma leitura psicanalítica. Curitiba: CRV, 2016.

RODRIGUES, Raquel Alves. **Além dos muros da escola - trajetos e saberes:** um guia do bairro por meio do álbum de figurinhas. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

SILVA FILHO, Orli Carvalho da; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Triplo tabu: sobre o suicídio na infância e na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2693-2698, 2021. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/triplo-tabu-sobre-o-suicidio-na-infancia-e-na-adolescencia/18017?id=18017> Acesso em: 17 jan. 2025.

SILVA, Wesley Júnior da. **Atuação escolar e processos autolesivos na adolescência:** a percepção dos professores sobre este fenômeno. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uerlândia, Uberlândia, 2023.

SOUZA, Andressa Dumont Franco de; ANDRADE, Lizbeth Oliveira de. Espaço escolar: o professor frente a situação de violência. **Revista científica eletrônica de pedagogia da FAEF**, Ano XIX – Número 32 – janeiro de 2019 – Periódico Semestral. 2019. Disponível em: https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/qt5xnq8lR7wPrp6_2019-3-7-8-35-4.pdf Acesso em: 01 fev. 2025.

SOUZA, Geraldo Majella. **Repetição, crueldade e trauma:** reflexos dos confrontos suburbanos na narrativa de Dalton Trevisan. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOUZA, L. F. de; LEITE, R. F. D.; GONÇALVES, D. J.; GONTIJO, D. T.; GOES, P. S. A. de. Perfil epidemiológico da violência infanto-juvenil na Paraíba: análise estatística e de correlação. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. e7816, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n3-089. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/7816>. Acesso em: 10 abr. 2025.

TIELLET, M. do H. S.; CORSETTI, B. Conflitos e violência em escolas públicas estaduais em uma região de fronteira, Cáceres, MT: a percepção dos professores. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [S. l.], n. 32, 2013. Disponível em: <https://serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/81>. Acesso em: 20 maio. 2025.

TRAD, Leny Alves Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777–796, 2009. DOI: 10.1590/S0103-73312009000300013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>. Acesso em: 10 fev. 2025.

WEBER, Izabel; GIANOLLA, Cristiano; SOTERO, Luciana. Suicídio e violência estrutural. Revisão sistemática de uma correlação marcada pelo colonialismo. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 35, n. 01, p. 189–228, 2020. DOI: 10.1590/s0102-

6992-202035010009. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/27671>. Acesso em: 10 abr. 2025.

WENZEL, Amy; BROWN, Gregory K.; BECK, Aaron T. Cognitive therapy for suicidal patients: scientific and clinical applications. **Washington: American Psychological Association**, 2009. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/11862-000>
Acesso em: 10 abr. 2025.

XAVIER, Paola Cristina Nogueira. **Para além do diagnóstico:** revisitando possibilidades de aproximação entre a escola e o serviço de saúde mental. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

APÊNDICE A - CARTA CONVITE

CARTA CONVITE

À: Direção da Escola Municipal de Tempo Integral de Parauapebas - PA

Assunto: Carta Convite

Venho por meio deste convidar vossa senhoria e os demais professores que integram o quadro de profissionais da educação da Escola Municipal de Tempo Integral de Parauapebas - PA, para participarem da pesquisa “SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL”, que tem como objetivo geral “Descrever saberes e práticas de professores sobre prevenção de violência contra crianças e adolescentes”.

Para referida pesquisa, todos os professores que atuam há, no mínimo, 1 (um) ano na educação infantil, ensino fundamental e/ou ensino médio, estão convidados a responder um questionário, que será entregue aos mesmos e disponibilizado, em formato físico, na secretaria da Escola. Solicito, gentilmente, que Vossa Senhoria apresente aos professores essa carta convite, para que eles tenham ciência da pesquisa e convite para um Grupo Focal (encontro em que sujeitos conversam sobre determinada temática), que acontecerá nas dependências de uma das escolas participantes, com duração de aproximadamente 3 (três) horas.

O Grupo Focal terá a participação de professores das Escolas Municipais de Tempo Integral de Parauapebas - PA, para conversarem sobre a temática comportamento suicida e violência contra crianças e adolescentes. O Grupo Focal será gravado em mídia digital (somente serão gravados os sons), e coordenado por uma pesquisadora com expertise em dinâmica de grupo, um coordenador auxiliar (estudante de programa de pós-graduação *stricto sensu* da UFT). A data e horário serão informados aos professores indicados, via e-mail e/ou telefone.

Orientações adicionais em relação à pesquisa (data, horário, forma de participação, questões éticas etc.) e esclarecimentos de dúvidas podem ser realizadas via e-mail (sousa.lima1@mail.uft.edu.br), telefone (94 97400-7226), durante visita das pesquisadoras às escolas e/ou durante o Grupo Focal.

Certo de contar com vossa colaboração, antecipo meus agradecimentos e me coloco a disposição para qualquer esclarecimento.

João Pedro Sousa Lima
Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde
Universidade Federal do Tocantins
Telef.: (94) 9 97400-7226

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - CUIDADORES INFORMAIS

Pesquisador responsável: João Pedro Sousa Lima

Este documento, chamado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se você tiver dúvidas, poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Caso não deseje participar desse estudo, informo que não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo por isso. Caso aceite participar e a qualquer momento resolva retirar seu consentimento, você poderá retirar sua autorização e não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo por isso. Para retirar sua autorização basta entrar em contato, via telefone (94) 97400-7226/ ou pelos e-mails joaopedro1.886@gmail.com ou sousa.lima1@mail.uft.edu.br.

O Sr. (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa **“SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL”**. Esta pesquisa será realizada pelo pesquisador **JOÃO PEDRO SOUSA LIMA**, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Saúde da Universidade Federal do Tocantins. Campus de Palmas, sob orientação do (a) Prof. (a) **LEIDIENE FERREIA SANTOS**. Nesta pesquisa, pretendemos. **Objetivo geral:** “Descrever saberes e práticas de professores sobre prevenção e manejo da violência autodirigida e outras violências infanto-juvenil.”. O motivo que nos leva a estudar. **Justificativa:** A violência autodirigida, que inclui comportamentos autodestrutivos e tentativas de suicídio, tem aumentado em prevalência, especialmente entre crianças e adolescentes. No entanto, as respostas políticas e as intervenções preventivas não têm acompanhado esse aumento. A falta de estratégias de prevenção eficazes e a ausência de políticas públicas robustas para lidar com esses problemas podem resultar em consequências devastadoras para os indivíduos afetados e para a sociedade como um todo. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: **Procedimentos da Pesquisa:** se você aceitar participar deste estudo, dará por meio de Grupo Focal (encontro em que sujeitos conversam sobre determinada temática), que acontecerá em uma das escolas participantes da pesquisa, com duração de aproximadamente 3 (três) horas. O Grupo Focal será gravado em mídia digital (somente serão gravados os sons), e coordenado por uma pesquisadora com expertise em dinâmica de grupo. Informo que nenhuma informação que possa identificá-lo (a) ou, eventualmente, prejudicá-lo (a) será divulgada. Em nenhum momento seu nome será apresentado nos resultados da pesquisa ou qualquer informação que possa revelar sua identidade. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em **Desconforto e Possíveis Riscos Associados à Pesquisa:** eventualmente você poderá sentir-se constrangido ou desconforto durante as interações do grupo focal (os pesquisadores irão realizar esclarecimento prévio sobre a pesquisa através da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); a pergunta da entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento; será garantida a privacidade para responder as perguntas; sua participação será voluntária). Quebra de sigilo/anonimato (as respostas serão confidenciais e serão resguardadas pelo sigilo dos pesquisadores durante a pesquisa e divulgação dos resultados, assegurado também o anonimato). Estresse ou dano (será oferecida assistência psicológica se necessária que será direcionada a equipe qualificada - representadas pelos pesquisadores responsáveis - para encaminhamento/providências). Você tem direito à assistência e à indenização nos casos de danos decorrentes de sua participação na pesquisa, o que é garantido pelo código civil. O participante tem garantido o direito de solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406 de 2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, Inciso VI). **Proteção Dados:** Os dados serão criptografados, protegidos por senha, somente um pesquisador ficará responsável pela planilha eletrônica, armazenamento em ambiente seguro. Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos na sala Lab 4 do Curso enfermagem da UFT e, após esse tempo, serão destruídos. As respostas serão confidenciais e serão resguardadas pelo sigilo dos pesquisadores durante a pesquisa e divulgação dos resultados, assegurado também a divulgação apenas com anonimato e os dados somente poderão ser repassados a terceiros depois de anonimizados seguindo a Resolução CNS 510 de 2016, Artigo 17, Inciso IV. Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas

por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A pesquisa contribuirá **Benefícios da Pesquisa:** A pesquisa pode proporcionar uma compreensão aprofundada das motivações e dos fatores que levam à violência autodirigida em crianças e adolescentes das escolas públicas de Parauapebas-PA. Isso auxiliará no desenvolvimento de ações educacionais direcionadas para melhorar a compreensão e o conhecimento sobre fatores pessoais, familiares, escolares e sociais. A pesquisa pode reduzir a violência autodirigida entre diferentes populações, fornecer informações para abordar essas disparidades e proporcionar um acesso mais justo à informação. Além disso, pode auxiliar a população na tomada de decisões sobre a saúde mental de crianças e adolescentes, promovendo a autonomia e o autocuidado, princípios adotados em estratégias de enfrentamento. Como consequência, a adesão aos profissionais de saúde mental pode aumentar, permitindo o desenvolvimento ou aprimoramento de estratégias de intervenção para ajudar crianças e adolescentes que exibem comportamentos autodestrutivos. Com o conhecimento e a compreensão da violência autodirigida, os participantes tendem a seguir com mais eficácia as recomendações, resultando em melhores efeitos na saúde. Assim, os professores de escolas públicas poderão se comunicar de forma mais compreensível com os alunos, levando a uma melhor tomada de decisão. As pessoas terão maior probabilidade de adotar comportamentos e práticas preventivas, reduzindo o risco de suicídio e melhorando a qualidade de vida. Com os resultados desta pesquisa, será possível aos gestores tomar decisões orientadas por evidências para desenvolver ações que deem visibilidade aos problemas, atendam às demandas e instrumentalizem os professores no manejo e nas intervenções eficazes. Dessa forma, os benefícios poderão alcançar tanto os participantes diretos quanto toda a comunidade de forma indireta.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo essa pesquisa será realizada, em seu domicílio, em um momento oportuno para você e para os pesquisadores, a ser combinado previamente. Esta pesquisa não acarretará em nenhum custo para você, por isso, não haverá ressarcimento. No entanto, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr. (a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou qualquer dado, material ou registro que indique sua participação no estudo não será liberado sem a sua permissão. O (A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável. **Contato:** Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com o pesquisador João Pedro Sousa Lima, na UFT, no Curso de Enfermagem. Endereço: Quadra 109 Norte, Avenida NS-15, ALCNO-14 Plano Diretor Norte; Lab 4 (em frente ao bloco J), sala 01; CEP 77001-090; Palmas/ TO; pelo e-mail Sousa.lima1@mail.uft.edu.br; ou por telefone (94) 97400-7226 e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos na sala Lab 4 do Curso enfermagem da UFT e, após esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

() Concordo que o meu (citar se será material biológico, registro fotográfico, sonoro e/ou audiovisual) seja utilizado somente para esta pesquisa.

() Concordo que o meu (citar se será material biológico, registro fotográfico, sonoro e/ou audiovisual) possa ser utilizado em outras pesquisas, mas serei comunicado pelo pesquisador novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que será utilizado o material

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante: _____

Data: _____

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

Nome do Pesquisador Responsável: João Pedro Sousa Lima
Endereço: Quadra 109 Norte, Avenida NS-15, ALCNO-14
Bairro: Plano Diretor Norte
CEP: 77001-090 Cidade: Palmas-TO
Telefone Fixo: (63)3229-4350 Telefone Celular: (94) 97400-7226
E-mail: Sousa.lima1@mail.uft.edu.br

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

DATA

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Fundação Universidade Federal do Tocantins – UFT
Endereço: Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º Pavimento, Sala 16.
Bairro: Plano Diretor Norte
CEP: 77.001-090
Palmas-TO
Tel.: (63)3229-4023
E-mail: cep.uft@mail.uft.edu.br

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu _____ (NOME DO PARTICIPANTE), depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL”, poderá trazer e entender especialmente, como será feita a coleta de dados e a necessidade da gravação da minha voz, durante o encontro do Grupo Focal, **AUTORIZO**, por meio deste termo, a pesquisador João Pedro Sousa Lima ou outro membro desta equipe de pesquisa, a que fui devidamente apresentado(a), a realizar a gravação de minha participação (voz) no grupo focal, sem custos financeiros para nenhuma parte. Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida por causa do compromisso do pesquisador acima citado em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição (escrita do que foi falado) da minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações em revistas científicas e congressos;
3. meu nome ou qualquer outra identificação não serão revelados em nenhuma das vias de publicação das informações geradas na pesquisa;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita depois da minha autorização;
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador João Pedro Sousa Lima, e após esse período serão destruídos;
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição da minha entrevista.

Parauapebas/PA, ____/____/2024.

- () Concordo com a gravação da minha voz durante o Grupo Focal desta pesquisa.
() Não concordo com a gravação da minha voz durante o Grupo Focal desta pesquisa.

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

APÊNDICE D - QUESTÕES DISPARADORAS PARA GRUPO FOCAL

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO PARA O GRUPO FOCAL

1. O que é violência?
2. O que é violência contra crianças e adolescentes?
3. Caso existam, fale-me sobre situações que podem colaborar para ocorrência de violência contra crianças e adolescentes.
4. Caso existam, fale-me sobre situações que podem colaborar para prevenção de violência contra crianças e adolescentes.
5. Existe violência no contexto escolar? Fale-me sobre isso.
6. Fale-me sobre o comportamento das crianças e adolescentes no contexto escolar, em relação a violência.
7. Caso existam, fale-me sobre estratégias que podem ser realizadas pela escola para prevenção da violência contra crianças e adolescentes.
8. Caso existam, fale-me sobre estratégias que podem ser realizadas por professores para prevenção da violência contra crianças e adolescentes?
9. Vocês realizam ações para prevenção da prevenção da violência contra crianças e adolescentes? Fale sobre isso.
10. Fale-me sobre violência autodirigida em crianças e adolescentes.
11. Na sua opinião, há como identificar sinais de risco para violência autodirigida em crianças e adolescentes?
12. Caso existam, fale-me sobre estratégias que podem ser realizadas pela escola para prevenção da violência autodirigida.

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE



PREFEITURA DE
PARAUAPEBAS
Bom dia Parauapebas. Boa noite Parauapebas.

semed
Secretaria Municipal
de Educação

AUTORIZAÇÃO

Parauapebas – PA, 28 de maio de 2024

Assunto: Autorização para Pesquisa

Prezado, João Pedro Sousa Lima,

Autorizamos João Pedro de Sousa Lima, mestrando no programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências e Saúde, da Universidade Federal do Tocantins - TO, a desenvolver uma pesquisa intitulada "Saberes e práticas de professores acerca da prevenção de comportamento suicida e violência infantojuvenil", coordenada pela professora Dra. Leidiane Ferreira Santos. A Coleta dos dados no que se refere à pesquisa ocorrerá através de grupo focal com professores que integram o quadro de profissionais da educação da Escola Municipal de Tempo Integral de Parauapebas-PA. Tendo em vista que esta pesquisa será do tipo série temporal e de base documental.

Agradecemos a parceria e a disposição constante.


Maria Arnete B. da Maceo Oliveira
Diretora Técnica - Pedagógica

Maria Arnete B. da Maceo Oliveira
Diretora Técnica – Pedagógica
DC: 336/2024

Diretoria Técnico-Pedagógica
Rua D, nº 468, 1º piso – Cidade Nova – CEP 68515-000
E-mail: diretoriapedagogica@semed

ANEXO B – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS -
UFT



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORES ACERCA DA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTO SUICIDA E VIOLÊNCIA INFANTOJUVENIL

Pesquisador: JOAO PEDRO SOUSA LIMA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81953924.0.0000.5519

Instituição Proponente: PPGECS - UFT - Campus Palmas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.071.171

Apresentação do Projeto:

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define que a violência pode ser caracterizada como o exercício de força física ou poder, seja em forma de ameaça ou ação, contra um indivíduo, grupo ou comunidade. Essa força ou poder pode resultar em sofrimento físico ou emocional, morte, danos psicológicos, impedimento do desenvolvimento ou privação (OMS, 2023).

De acordo com OMS a intencionalidade é associada à execução do ato, independentemente do resultado final. A definição exclui incidentes não intencionais, como a maioria dos acidentes de trânsito e queimaduras em incêndios (OMS, 2022). Por esta definição, observa-se a inclusão da palavra "poder", completando a frase "uso de força física", conceito de violência é expandido para além do ato violento em si, abrangendo ações que surgem de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidação. O "uso de poder" é estendido

para englobar negligência ou atos de omissão, além dos atos violentos mais evidentes. Portanto, o "uso de força física ou poder" passa a incluir negligência, todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como suicídio e outros atos auto infligidos (Mercy et al., 1993).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever saberes e práticas de professores sobre prevenção e manejo da violência autodirigida e outras violências infantojuvenil.

Objetivo Secundário:

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º Pavimento, Sala 16.
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3229-4023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS -
UFT**



Continuação do Parecer: 7.071.171

- Identificar o conhecimento de professores sobre violência contra crianças e adolescentes e violência autodirigida;
- Identificar motivações para violência autodirigida, na perspectiva de professores que atuam na educação básica;
- Conhecer ações realizadas por professores para prevenção do comportamento suicida em crianças e adolescentes;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação dos Riscos, foi realizada adequadamente: no PB - Informações básicas do projeto, Projeto completo e no TCLE

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto representa uma contribuição para Descrever saberes e práticas de professores sobre prevenção e manejo da violência autodirigida e outras violências infantojuvenil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados em conformidade com o exigido.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, o pesquisador deve apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2352532.pdf	04/09/2024 10:24:32		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_.docx	04/09/2024 10:24:00	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Outros	CARTA_DE_RESPOSTA_DE_PENDENCIA.pdf	04/09/2024 10:21:27	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE_.docx	04/09/2024	JOAO PEDRO	Aceito

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º Pavimento, Sala 16.
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3229-4023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS -
UFT**



Continuação do Parecer: 7.071.171

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_.docx	10:18:19	SOUSA LIMA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_.docx	02/09/2024 09:16:48	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	31/07/2024 22:03:31	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_de_compromisso_dos_pesquisadores.pdf	31/07/2024 21:58:12	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_compromisso_dos_pesquisadores_professora_leidiane.pdf	31/07/2024 21:56:36	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_compromisso_dos_pesquisadores_professora_leidiane.pdf	30/07/2024 12:56:16	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_de_compromisso_dos_pesquisadores.pdf	30/07/2024 12:55:36	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	30/07/2024 12:43:54	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	30/07/2024 12:22:43	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	29/05/2024 17:46:03	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_compromisso_dos_pesquisadores_professora_leidiane.pdf	28/05/2024 17:07:05	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	28/05/2024 16:59:01	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_de_compromisso_dos_pesquisadores.pdf	28/05/2024 16:42:20	JOAO PEDRO SOUSA LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 12 de Setembro de 2024

Assinado por:
MARCELO GONZALEZ BRASIL FAGUNDES
(Coordenador(a))

Endereço: Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º Pavimento, Sala 16.
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3229-4023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

ANEXO C – CARTILHA INFORMATIVA